



Ministério

Novembro - Dezembro de 2002

Uma revista internacional para pastores e obreiros



Profecia & Evangelismo

UMA UNIÃO PERFEITA



Consciência

WILLMORE EVA

Editor de Ministry

Parece que é fora de moda, nestes dias, falar sobre consciência, pelo menos em seu tradicional papel como uma autorizada voz moral interior. Houve um tempo em que a voz da consciência era virtualmente igualada à voz de Deus. Era vista como um positivo e quase inerrante ponto de referência para decisões morais.

Nós pintamos a consciência como localizada em algum lugar dentro de nós, ocupando uma estratégica e penetrante perspectiva em nossa alma. Já que ela nos conhece melhor que ninguém, a consciência era vista como mais autorizada que qualquer outra inteligência humana. Era algo que valia respeito, um guia para ser, mais ou menos, inquestionavelmente obedecido.

Hoje, entretanto, nós questionamos a validade de suas conclusões. Essa quase irremediável e ainda altamente ativa parte do nosso ser interior tem sido rebaixada a mais uma voz entre muitas. Assaltada pelo pós-modernismo, a consciência parece ter perdido seu nervo. Mesmo entre cristãos, ela é freqüentemente vista como uma entidade que tem pouco a ver com a voz de Deus na alma humana.

Todavia, esse estrategicamente colocado *alter ego* tem a capacidade para falar poderosamente em nós, embora no mundo contemporâneo nós estejamos consistentemente sendo lembrados de sua capacidade para nos impor neuroses produtoras de culpa ou psicoses enlouquecedoras. A consciência, depois de tudo, é assunto para exploração e manipulação doentia.

A verdade é que embora a consciência não seja perfeita (porque também não o somos), intuitivamente conhecemos seu indispensável valor. Ela não apenas tem a capacidade, mas a designação divina para falar-nos o que somos e o que não somos. Trata com nossos acertos e erros passados e com nosso atual quociente de integridade. Frequentemente a consciência é encorajadora; e, algumas vezes, confrontadora.

Apesar do profundo desconforto que ela às vezes produz, a consciência é crucial à vida de alguém, especialmente aqueles que foram chamados para o ministério. A consciência é o compasso moral do ministro, na medida em que é

possuída pelo Espírito Santo e apropriadamente informada pelos oráculos de Deus. Essa parceria entre a Bíblia e o Espírito é crítica para a autenticidade, autoridade e sanidade com que a consciência fala.

Todos nós conhecemos a intensa culpa que algumas vezes emerge em nossa alma quando nos levantamos para pregar, incomodados com a lembrança de algo errado que fizemos ou algo certo que deixamos de fazer. Também sabemos o que é ser assombrado com a sensação interior de duplicidade, insinceridade ou duplicidade de coração, que nos separa dos outros e de Deus. Tais pensamentos e sentimentos são tecidos através da voz da consciência. Mais ainda, sabemos que essa tempestade interior da consciência acontece porque estamos necessitados de encontrar integridade e cura.

Tal como um desconforto físico, ou dor, nos alerta que alguma coisa está errada com nosso corpo, a dor da culpa engendrada na consciência nos fala que algo está errado em nossa alma. E, assim como seria ridículo negar ou ignorar a dor física, é errado negar a dor psicológica e espiritual através da qual a consciência chama a nossa atenção.

Quando nós somos confiantes de que o Espírito de Deus fala através da consciência, podemos começar a nos relacionar com sua voz mais sensível e amadurecidamente. E, pelo Espírito Santo, experimentaremos o seu poder purificador (Heb. 9:14).

Por mais dolorosa que seja essa voz algumas vezes, ela é honesta, corajosa e cheia do Espírito. E nós, ministros, devemos reconhecer e abraçar novamente esse magnificante papel interior do Espírito Santo. É Sua palavra tomando lugar na consciência. Quando reconhecemos Deus na voz da consciência, nós provavelmente obedeceremos o seu comando e seremos mais encorajados do que se a reduzíssemos a uma voz meramente humana.

É um privilégio de proporções magnificentes identificar e reconhecer a fonte subjacente de tal voz. "A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração" (Rom. 10:8); aquela que "guiará a toda a verdade" (João 16:13).

**"Possuída pelo
Espírito, a consciência
é o compasso moral
do pastor."**

Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista
do Sétimo Dia

Ano 73 – Número 06 – Nov./Dez. 2002
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Revisoras: Ildete Silva e Rosemara Santos
Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Programador Visual: Alexandre G. Streicher

Colaboradores Especiais:
James Cress; Alejandro Bullón;
Jonas Arrais; Willmore Eva; Júlia Norcott

Colaboradores:
Arlindo Guedes; Barito Lazo;
Fidel Guevara; Jair Garcia Góis;
José Carlos Sánchez; José S. Ferreira;
Mário Valente; Moisés Rivero;
Montano Barros Neto; Roberto Pinto

Capa: William de Moraes; Antônio Rios e
João Luiz Cardoso

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:
<http://www.cpb.com.br>
Serviço de Atendimento ao Cliente:
sac@cpb.com.br
Redação: redacao@cpb.com.br
Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio

Tiragem: 4.500 exemplares
5972/10033

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
CERTIFICADA PELA ISO 9002
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,
18270-970 Tatuí, SP



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

EDITORIAL



A Bíblia e a evangelização

Existe um sólido fundamento bíblico para a tarefa evangelizadora. Ele é constituído pela bem conhecida comissão evangélica dada por Jesus à Sua Igreja: “Jesus, aproximando-Se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mat. 28:18-20).

Dessas palavras, podemos entender que todo empreendimento evangelístico, com todas as suas implicações, encontra sua base no Senhor Jesus Cristo. Conseqüentemente, a mensagem a ser proclamada, a metodologia escolhida e os objetivos estabelecidos devem encontrar sua justificativa na Palavra de Deus. Conforme afirmou Lewis Drummond, se a Igreja realmente deseja obter êxito em sua missão evangelizadora, “deve fazê-lo a partir de uma sólida base teológica”. Afinal, motivos e bases inadequados resultam em uma evangelização excêntrica, artificial e infrutífera. Nosso ponto de partida deve ser aquilo que sobressai no Novo Testamento: a autoridade de Jesus Cristo.

O sentido de urgência evangelística não pode ser mantido sobre bases emocionais. Tampouco a evangelização bíblica perdura quando enxertada em uma teologia não bíblica. Evangelização e teologia se completam; são sócias e não competidoras. No dizer de James Denney, “se os teólogos fossem evangelistas e os evangelistas teólogos, teríamos a igreja ideal”. E Drummond oferece três razões pelas quais o evangelismo e a teologia devem caminhar unidos. Primeiramente, o relato bíblico os apresenta dessa maneira. Depois, a evangelização que não procede das Escrituras degenera em proselitismo, em argumentação que objetiva recrutar indivíduos a uma posição partidária, ou para uma determinada organização humana, mas não a Cristo. Finalmente, desde os tempos proféticos, passando pelos dias apostólicos, os evangelistas de maior sucesso têm sido aqueles cuja proclamação está apoiada no “assim diz o Senhor”.

Além desses aspectos, é importante lembrar que uma elaboração teológica correta é decisiva para que as pessoas que foram resgatadas sejam incorporadas à Igreja e aí permaneçam sendo disciplinadas, ensinadas em todas as ordenanças divinas e crescendo na graça.

O conhecimento teológico e a evangelização devem estar unidos também em razão de que isso dá ao evangelista maior segurança e autoridade na apresentação de sua mensagem. Ademais, a compreensão do conteúdo escriturístico enche os ouvintes de fervor para se integrarem ao trabalho de gerar novos discípulos.

Zinaldo A. Santos

ARTIGOS

- 12 • **UMA BATALHA A SER VENCIDA** • Soluções que protegem o lar do pastor contra a atual distorção da sexualidade.
- 14 • **A CRIAÇÃO E O SANTUÁRIO** • Um estudo da teologia do santuário israelita no livro de Gênesis..
- 17 • **UMA UNIÃO PERFEITA** • Teólogo mostra como a apresentação profética e o evangelismo são complementares entre si.
- 21 • **O PROCESSO DA EVANGELIZAÇÃO** • A atividade evangelística não é apenas um evento cujo final é o batismo.
- 25 • **A SÍNDROME DO SUPER-HOMEM** • O pastor precisa conhecer, aceitar e administrar seus limites.
- 27 • **VISÃO DE DEUS** • Mensagem devocional sobre Isaías 6:1-8.
- 29 • **O LÍDER E A CRÍTICA** • Prepare-se. Você não pode agradar a todos o tempo todo.

SEÇÕES

- 2 SALA PASTORAL
- 3 EDITORIAL
- 4 CARTAS
- 5 ENTREVISTA
- 8 AFAM
- 9 PONTO DE VISTA
- 16 IDÉIAS
- 31 NOTÍCIAS
- 34 RECURSOS
- 35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



*“O adventista pode ser rejeitado
mas não pode rejeitar.*

*Tem que amar a todos com o mesmo amor
com que Cristo amou aqueles aos quais veio salvar.”*

Mário Veloso

CARTAS

O pastor e a saúde

Deus seja louvado pelo artigo “O pastor e a saúde”, da edição de setembro/outubro deste ano. Jamais li algo tão inspirador e equilibrado sobre o tema ali abordado. Parabéns.

Paulo Falcão Bezerra, Vitória, ES

Cristianismo sem barreiras

Acabo de ler a matéria de John Fowler, intitulada “Cristianismo sem barreiras”, na edição de maio/junho desta revista. Agradeço muito a publicação de um assunto desta natureza. Tive vontade de chorar enquanto lia o mencionado artigo e pensava nas muitas pessoas que sofrem alguma forma de rejeição.

Se os princípios apresentados ali fincarem raízes no coração das pessoas, há esperança de que em algum dia cessem os preconceitos de qualquer tipo.

Carrol Grady, Snohomish, Washington

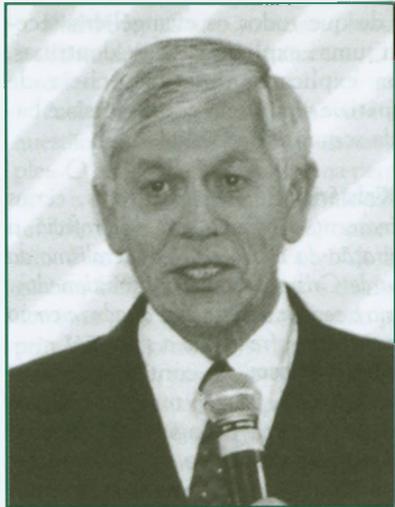
Outra visão de Babilônia

O artigo intitulado “Outra visão de Babilônia”, de George B. Knight (julho/agosto 2002), parece terminar justamente onde a real questão se inicia. Todo pastor sabe o que Ellen White aconselhou sobre o assunto. O problema começa, entretanto, com a aplicação prática.

Um amigo meu, sacerdote católico, disse-me não entender como queremos construir amizades com outros ministros enquanto esperamos que eles, no futuro, venham a ser nossos perseguidores. Confesso que foi embaraçoso para mim.

Acho que George Knight escreveu um excelente artigo, mas não necessitamos apenas de um historiador para nos lembrar a tarefa que temos a desempenhar. Necessitamos de alguém que nos ajude a descobrir como colocar em prática, de modo coerente, essa tarefa.

Abraham J. van der Kamp, Amersfoort, Holanda



O alvo é o MUNDO

“E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim”

ZINALDO A. SANTOS

O Dr. Mário Veloso é um dos mais respeitados teólogos adventistas do sétimo dia, prestigiado escritor e pregador. Chileno de nascimento, serviu à Igreja como pastor e professor de teologia, ocupando também as funções de diretor de Jovens e secretário na Divisão Sul-Americana, durante muitos anos. Em seguida, foi eleito secretário associado da Associação Geral. Atualmente serve como vice-presidente da Divisão Euro-Asiática, que inclui o território da antiga União Soviética.

No mês de julho, o Pastor Veloso esteve no Brasil, onde participou do encontro de professores de teologia e editores adventistas, realizado em Guarulhos, SP, e também do Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano, realizado no Unasp. Após esses eventos, ele falou à revista *Ministério* sobre Igreja, missão e escatologia. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Ministério: *Dê-nos uma visão da Igreja Adventista no mundo, no contexto da missão.*

Pastor Mário Veloso: A Igreja, viva e dinâmica, pela ação do Espírito Santo, está muito ativa no mundo inteiro. É verdade que existem lugares mais difíceis que outros para nossos projetos missionários. A Europa e a Austrália são um exemplo dessa dificuldade, por causa do secularismo. Os países da “Janela 10/40”, por razões religiosas. A China, por causas políticas e culturais. O restante do mundo está aberto para a mis-

são e a Igreja avança com resultados espetaculares. Assim ocorre nas Américas, na África, na Ásia Pacífico Norte, na Ásia Pacífico Sul, nas Ilhas do Pacífico Sul e até na Índia, onde até pouco tempo era muito difícil promover o cristianismo. Isso falando em geral porque, nas áreas difíceis, há lugares onde a pregação do evangelho está indo muito bem, como na China. E nas áreas consideradas fáceis, existem lugares onde a Igreja marcha mais devagar. É o caso do Japão, Bangladesh e outros. Possivelmente, o secularismo e a intolerância religiosa sejam as maiores dificuldades que a Igreja enfrenta no mundo, para levar avante sua missão. Não há muito que se possa fazer para eliminar a intolerância religiosa ou superar o secularismo. Mas sabemos que, mesmo assim, a Igreja está trabalhando para cumprir a missão. Também há uma dificuldade interna: a dedicação missionária não é a mesma em cada membro. Porém é objetivo da Igreja que cada membro, em todo lugar da Terra, seja fiel à missão de pregar o evangelho do reino.

Ministério: *Como está a Igreja na Rússia?*

Pastor Veloso: A Rússia e os países integrantes do que foi a União Soviética apresentam oportunidades extraordinárias. E a Igreja está tentando aproveitá-las. Os primeiros dez anos, depois da desintegração da União Soviética, em 1990, foram tempos de pregação muito ativa, por meio de grandes reuniões públicas. A Igreja cresceu de aproximadamente 25 mil membros para 150 mil. Desde o ano de 2000 até 2003, o traba-

lho missionário está concentrado no preparo de novos pastores e no trabalho onde não existem adventistas. O “Projeto 300” foi idealizado com esses objetivos. Trezentos novos jovens sendo treinados para o ministério, ao mesmo tempo em que trabalham em lugares novos, para estabelecer pelo menos 300 novas igrejas em dois anos. O método é a colportagem unida aos pequenos grupos. Começam colportando de casa em casa, para encontrar interessados no estudo da Bíblia e, na medida em que os encontram, vão formando pequenos grupos de estudo bíblico. Os primeiros batismos aconteceram três meses depois de iniciado o programa. Oito meses depois, havia 901 pequenos grupos com 6.067 membros de igrejas. A partir de 2003, a ênfase será a conquista de grandes ou pequenos territórios onde a Igreja Adventista seja a principal. O “Projeto Sibéria Para Cristo” tentará conseguir que a Igreja tenha o maior número de membros nesse território onde agora existem mais de doze mil adventistas.

Ministério: *Sempre relacionamos a volta de Jesus ao cumprimento da missão. Deus está dependendo da nossa ação, nesse sentido?*

Pastor Veloso: A volta de Jesus Cristo não está dependendo da nossa ação, mas essa ação ajuda. Pedro diz que os cristãos vivem “em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do dia de Deus” (II Ped. 3:11 e 12). Comentando esse texto, diz Ellen White: “Dando o evangelho ao mundo, está em nosso poder apressar a volta de nosso Senhor. Não nos cabe apenas aguardar, mas apressar o

dia de Deus. Houvesse a Igreja de Cristo feito a obra que lhe era designada, como Ele ordenou, o mundo inteiro haveria sido antes advertido, e o Senhor Jesus teria vindo à Terra em poder e grande glória." Nossa ação não determina o momento da vinda de Cristo nem o atrasa. Pode apressá-lo. Cristo organizou a Igreja para que O ajudasse na pregação do evangelho. Mas se ela não cumprisse esse papel, Deus teria outras maneiras de pregar.

Ministério: *É aceitável dizer que a volta de Cristo está demorando de acontecer?*

Pastor Veloso: Não. Cristo não está demorando de voltar. Ele nunca disse a data da Sua volta. Pelo contrário, afirmou categoricamente que o dia e a hora ninguém conhece. Se não existe uma data para Sua volta, não pode existir demora. E Ele disse mais. Declarou que a data desse acontecimento é um assunto que está inteiramente sob a autoridade do Pai (Mat. 24:36). É Deus o Pai quem decide; mais ninguém. E Ele vai decidir isso quando a pregação do evangelho ao mundo todo acontecer (Mat. 24:14).

Ministério: *Alguns críticos argumentam atualmente que a Igreja está se tornando mais ecumênica do que deveria, na tentativa de aproximação com outros grupos religiosos. Como o senhor lhes responderia?*

Pastor Veloso: Eu diria que essa conclusão não é um fato. É apenas uma interpretação de fatos. Quais são os fatos reais? A Igreja tem que se aproximar de todas as pessoas e de todas as organizações que têm poder de influência sobre pessoas. Com que objetivo? Para pregar o evangelho e preparar o mundo para a volta de Cristo. Essa aproximação não é ecumenismo. Ecumenismo seria uma aproximação para estabelecer uma unidade sincretista na qual a Igreja modificasse as doutrinas, para tornar possível sua integração com outros grupos religiosos que fariam a mesma coisa com suas doutrinas. Não é o caso. A Igreja Adventista não tem modificado nenhuma doutrina. Pode ser que algumas pessoas da Igreja tenham tentado fazê-lo e até tenham escrito livros propondo que seja feito. Mas a Igreja oficialmente nunca aceitou sugestões dessa natureza. Dizer que a posição de um indivíduo ou vários membros da Igreja, mesmo que sejam líderes, seja a posição da Igreja seria uma interpretação exagerada do fato, e até uma calúnia contra a Igreja. Nenhum adventista bem-intencionado faria isso.

Ministério: *Alguns evangélicos ainda encaram a Igreja Adventista e a visão que ela tem de si mesma como características de seita. O diálogo com grupos evangélicos tem ajudado a mudar essa idéia?*

Pastor Veloso: Sim. As conseqüências positivas desses diálogos têm aparecido em lugares muitos distantes dos lugares onde eles aconteceram. E o efeito positivo continuará aumentando no futuro, na medida em que mais membros dessas Igrejas se informem dos seus conteúdos. Porém, há um fato insuperável: o preconceito. Muitos já têm preconceitos contra a Igreja Adventista solidamente estabelecidos na mente. Não mudarão. Continuarão pensando da maneira como sempre pensaram. Precisamos desenvolver paciência cristã perante essa realidade que, para muitos, será inalterável. Isso não deveria ser um problema para nenhum adventista. Ele pode ser rejeita-

É objetivo da Igreja que cada membro seja fiel à missão de pregar o evangelho do reino.

do mas não pode rejeitar. Tem que amar a todos com o mesmo amor com que Cristo amou aqueles aos quais veio salvar. Cada adventista está na mesma missão de Cristo porque Ele assim o deseja.

Ministério: *O senhor acha que deveríamos estar tão preocupados em nos identificar com o evangelicalismo popular?*

Pastor Veloso: Não. A nossa preocupação não deveria estar com a identificação doutrinária com o evangelicalismo popular. Deveríamos nos preocupar, porém, com que eles compreendam nossas doutrinas e por que cremos nelas. Em geral, os evangélicos conhecem as doutrinas adventistas da maneira como os autores as apresentam em livros contra nós. Assim, nunca conhecerão o que realmente cremos. Essa realidade deveria ser razão suficiente para que cada adventista trabalhasse a

fim de que todos os evangélicos recebam uma explicação das doutrinas. Uma explicação humilde, cheia de simpatia e amor, sem controvérsia e baseada somente na Bíblia.

Ministério: *Em alguns lugares, certos ensinamentos, como o dom de Profecia, a inspiração da Bíblia e até o literalismo da volta de Cristo estão sendo questionados. Como o senhor analisa esse quadro e como a Igreja está enfrentando a situação?*

Pastor Veloso: A contestação, nos tempos atuais, parece ter-se tornado a maneira correta de agir. Até pessoas religiosas acham que o espírito contestador é um sinal de amadurecimento, de desenvolvimento intelectual, de abertura mental e até de maior fidelidade a Deus. Na base dessa atitude encontra-se o conceito de que tudo está errado e demanda uma reforma. Eles, os contestadores, se imaginam reformadores que vão colocar todas as coisas no trilho certo e que ajudarão a Igreja a superar seu espírito retrógrado. Não percebem que as verdades divinas não se reformam; restauram-se. Se de alguma forma foram modificadas no passado, devem ser restauradas à sua forma original. À maneira como Deus as revelou. Assim tem que acontecer com o dom de profecia, com a inspiração e a autoridade da Bíblia, com o literalismo da volta de Cristo e todas as doutrinas que Deus revelou. Modificá-las ou abandoná-las argumentando que a Igreja cometeu um erro aceitando-as no passado, seria estimulá-la a cometer no presente o erro que ela não cometeu no passado. Só a Bíblia deve ser a base de toda doutrina. Se rejeitamos sua inspiração ou a condicionamos à maneira humana de pensar de nosso tempo, eliminamos a autoridade bíblica e a verdade de todas as doutrinas fica eliminada automaticamente. A única autoridade seria a forma humana de pensar e o que é politicamente correto para a sociedade. Nada seria verdadeiro em si. E daria o mesmo acreditar ou não em uma coisa. A restauração da verdade seria impossível porque verdade não existiria. E a tarefa da teologia não mais seria uma procura da verdade bíblica, mas uma permanente adaptação dela aos valores aceitos pela sociedade e cada indivíduo em particular. Essa abertura mental não é bíblica. É a fonte de todo erro e o começo de toda apostasia.

Ministério: Outro conceito bastante questionado é o de remanescente. O que o senhor diz sobre isso?

Pastor Veloso: A resposta para essa questão complicada pode se tornar simples. O problema se reduz a uma pergunta: É a Igreja Adventista o remanescente? Um grupo responde: sim; outro diz: não. Esse último culpa o outro de arrogância, falta de cristianismo, e de defender uma posição histórica adotada pelos primeiros adventistas só para salvar seu prestígio, por causa de um desaparecimento que eles mesmos provocaram pela própria ignorância. Como se resolve a questão? Primeiro, o remanescente existe. A profecia de Apocalipse 12:17 não deixa dúvidas. Segundo, há um período de formação do remanescente. É o mesmo tempo em que acontece a formação de Babilônia. A conclusão desse tempo está marcada pela chuva serôdia do Espírito Santo (Apoc. 18:1-8). Terceiro, durante o período de formação, existem dois núcleos em torno dos quais agrupam-se todos os demais cristãos. A Igreja-núcleo do remanescente é a Igreja que nasceu no fim dos 2300 anos de Daniel 8:14, a Igreja Adventista. Quarto, desde o fim dos 2300 anos, até o cumprimento de Apocalipse 18, cristãos de todas as igrejas podem formar parte do remanescente ou de Babilônia, segundo a escolha de cada um. Quinto, para que possam escolher, todos têm que saber o que está acontecendo. E essa informação tem de ser dada com humildade, simpatia e consideração pelos outros, mas também tem de ser muito clara. Sexto, depois da chuva serôdia, o cristianismo estará dividido em dois grupos: Babilônia e o remanescente. As igrejas que antes foram núcleos de integração, desde esse momento até a vinda de Cristo, serão, uma, a igreja verdadeira; a outra, a igreja apóstata.

Ministério: Alguns estudiosos dizem que movimentos religiosos que ultrapassam os 150 anos de existência acabam engolidos pelo secularismo e perdem o senso de missão. Corremos esse perigo?

Pastor Veloso: Isso parece ter sido a experiência dos movimentos religiosos no passado. E uma boa filosofia da História sempre aprende do passado. Até a utiliza para se preparar para o futuro, evitando cometer os mesmos erros cometidos por outros, porque erros semelhantes produzem conseqüências parecidas. Contudo, há uma enorme diferença entre os movimentos religiosos

do passado e o movimento que originou a Igreja Adventista do presente. Ela surge do último movimento religioso impulsionado pelo Espírito Santo. Com esse movimento acaba-se a História. Nada volta a ocorrer da mesma forma como as coisas aconteceram no passado. Mas o fato de que o movimento adventista contemporâneo não seguirá a rota secularista e anti-missionária dos movimentos religiosos do passado, não deve estimular uma atitude descuidada e indiferente com os ensinamentos da História. Membros da Igreja e até líderes podem adquirir uma mentalidade secularista e podem perder seu senso de missão. Isso introduz um vírus no corpo. Não consegue matá-lo mas o adoece. Diminui o nível do zelo missionário, doença que, para superar, é preciso utilizar tempo e

*O terrorismo indica
que os dias semelhantes
aos de Noé estão aí
anunciando que
a volta de Jesus
não tardará.*

energia que seriam melhor utilizados na própria missão. Pior, essa mente secularizada e sem zelo missionário pode levar seu possuidor tão longe que acabe apostatando. A Igreja não pode ser feliz com isso. Muito melhor que todos os membros participem da missão, porque, dessa maneira, os membros da Igreja serão sempre de primeira geração e o zelo missionário sempre seria superior.

Ministério: Como o senhor analisa os acontecimentos de 11 de setembro do ano passado nos Estados Unidos, à luz dos escritos de Ellen White e da escatologia adventista?

Pastor Veloso: Esses acontecimentos modificaram a maneira de pensar dos americanos e tiveram um impacto importante em quase todas as pessoas do

mundo. Sem dúvida, eles têm um grande significado escatológico. Mesmo as pessoas não relacionadas com a Bíblia os interpretam de maneira apocalíptica. Para a escatologia adventista, não poderia ser diferente. A destruição das torres faz parte da destruição de grandes prédios anunciada por Ellen White, mas não podemos dizer que o que ela anunciou foi a destruição daquelas torres. Também não é apropriado utilizar seus escritos para condenar as pessoas que, sob a tristeza do desastre, precisam mais de uma mensagem de esperança que de juízo e condenação. Temos de informar ao mundo o significado dos acontecimentos dessa natureza. O elemento mais importante daquele desastre foi a ação do terrorismo. Cristo disse que os tempos da Sua volta à Terra seriam como os dias de Noé. As pessoas seriam irresponsáveis, agindo em tudo com a rotina do dia-a-dia, sem perceberem a urgência do tempo até a volta de Jesus. A Terra estaria cheia de violência, cuja palavra hebraica no texto de Gênesis é *hamas*. Segundo G. Von Rad, especialista no Antigo Testamento, esse termo significa “ruptura da ordem jurídica pela violência”, em outras palavras, terrorismo. A guerra do terrorismo tem um sentido escatológico claro. Indica que os tempos semelhantes aos dias de Noé estão aí anunciando que a volta de Jesus não tardará.

Ministério: A seu ver, qual o sinal mais significativo da proximidade da volta de Cristo?

Pastor Veloso: A pregação do evangelho. Cristo mesmo indicou que a pregação do evangelho no mundo inteiro é o sinal definitivo da Sua volta: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mat. 24:14).

Ministério: Que apelo ou mensagem especial gostaria de enviar ao pastorado adventista sul-americano?

Pastor Veloso: Sejam zelosos na missão. A missão outorga uma visão do todo. Um desejo de conquistar o mundo todo para Cristo. Chegou o tempo de trabalhar pelo verdadeiro alvo da missão: todas as nações. Não mais por um alvo exposto em números limitados por ano, ainda que esses números sejam muito altos. O que agora vale é o todo. Trabalhem para alcançar todas as pessoas do lugar onde estamos e Deus fará o milagre de darmos o mundo todo para Ele. 

Escolhida para COLABORAR



Zeneide Santos

DÉBORA MEIRA C. SILVA

Coordenadora da Área Feminina
da Associação Ministerial na
União Nordeste Brasileira

Os psicólogos dizem que a busca de um alvo na vida profissional é tão importante para um homem como é para uma mulher sentir-se amada e querida. Isso não é novidade; porém, no mundo de hoje, abrir um caminho na vida é como perseguir um sonho que exige tanta coragem e resistência como caminhar sozinho na selva.

Qualquer mulher deseja tornar essa caminhada mais suave, mas nem sempre sabe como fazê-lo. Em nossa complexa e exigente sociedade, nem sempre as coisas se resumem a fazer o que a vovó fazia para o vovô, como manter suas meias cerzidas ou preparar seu bolo favorito. Obviamente é mais do que isso. A pergunta é: o quê?

Na preocupação de obter algumas respostas, Margaret Lane entrevistou esposas de diversos profissionais. Essas mulheres sabem o que é sentar-se durante horas debaixo de um sol escaldante, aparentemente saturadas de seus discursos de campanhas políticas que já escutaram muitas vezes e sabem o que é esperar horas para comer. Ou o marido está tão absorto nas pesquisas de laboratório, que quase esqueceu de retornar para casa à noite.

Elas sabem o que significa levantar cedo para um dia de atividades, como varrer o pátio, aspirar, limpar o piso, cuidar

“E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele”

das crianças doentes e preocupar-se com o orçamento apertado. Além dos problemas que cada pessoa enfrenta, muitas têm que suportar a ausência de seu marido ou filho, conviver com os problemas de outros e sofrer a falta de privacidade, já que vivem sob os olhares do público.

A seguir, as conclusões da pesquisa:

Acredite nele. “Se você tivesse perdido a confiança em mim, eu estaria derrotado”, disse um alto oficial do governo à sua esposa. “Enquanto você acredita em mim, eu cresço e posso derrotar o mundo.”

Respeite as decisões profissionais. Uma esposa disse que é importante incentivar o marido a realizar aquilo que é interessante e desafiador para ele. A mulher que coloca seus próprios desejos egoístas na frente da carreira do marido terá problemas, e pode levá-lo a contentar-se com menos do que pode alcançar.

Reconheça as qualidades. Os maridos de êxito precisam saber que são apreciados. Segundo Kathryn Grosby, “uma mulher jamais deveria ter medo de dizer ao seu marido que ela o considera maravilhoso, magnífico e adorável”.

Desenvolva seus interesses. Ao depender inteiramente do marido, você consome energias que ele poderia empregar num trabalho frutífero em favor da família e da sociedade. Segundo Dorothy Chandler, “a contribuição mais importante que uma esposa pode dar ao êxito de seu marido é tornar-se ela mesma uma esposa feliz e realizada”.

Não subestime sua função. Muitas esposas mencionaram a importância de deixar para segundo plano seus interesses, mesmo que não tenham achado isso justo. Elas acreditam que não é sábio nem necessário competir com um homem no mesmo nível dele. A mulher que o faz, segundo Leonore Rommey, não está percebendo a força que ela mesma tem.

Eduque seus ouvidos. Disse Elizabeth Fulbrith: “Uma esposa deve ser sensível às necessidades de seu marido. Frequentemente, a maior necessidade de um homem é de uma ouvinte. Você não precisa entender o trabalho de seu marido para ser uma confidente.”

Vá com ele. Nesta época de mudanças rápidas, uma das qualidades mais importantes de uma esposa é a disposição para ir onde o trabalho do marido exigir.

Faça do lar um refúgio. Uma senhora declarou que o maior apoio que ofereceu ao seu marido foi tornar o lar “o porto tranquilo no qual ele se recolhia depois das lutas do dia”. Na opinião das esposas entrevistadas, o que importa não são os móveis brilhando ou a decoração de fino gosto, mas o ambiente agradável, o descanso do marido, o sossego que ele oferece.

Seja positiva. Uma das características que as esposas de homens de sucesso têm em comum é a habilidade de encontrar solução para seus problemas e concentrar-se nos aspectos positivos da vida.

Administre o amargo e o doce. Muitas descreveram que seu maior problema era agradar aos filhos durante todo o tempo da ausência do pai. Outras mencionaram a dificuldade de corresponder com a vida pública. Não existe uma resposta fácil. Sophic Munford, casada há mais de 50 anos, expressou uma reação comum quando disse: “Não trocaria minha vida por nada do mundo.”

À semelhança de outros maridos, os homens da vida pública nem sempre louvam ou reconhecem abertamente as suas esposas, mas eles mostram seus sentimentos de outra forma. Richard Nixon disse a Lyndon Johnson: “Nós dois somos afortunados por termos casado com alguém melhor do que nós.”

Como é que você, esposa de pastor, pode ajudar para que os sonhos do seu marido sejam realizados? Dando-lhe apoio, amor, e estando à sua disposição quando ele necessitar de você. 

Adaptado do livro *Your Husband's Success and You*, de Margaret Lane

Perfil de PASTOR



JETRO FERNANDES DE CARVALHO

Médico, ancião da igreja da Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, Brasil

Antes de ser tomado por Deus, de acordo com o relato de II Reis 2:1-10, Elias decidiu confirmar Eliseu como pastor de Israel e o fez passar por uma pós-graduação e por uma unção. Levou-o a Betel, a Jericó e ao Jordão. Betel, segundo Jacó, é a casa de Deus, a porta dos Céus. É a coluna que testemunha a consagração de Jacó por meio de um voto e de uma aliança. Betel é o símbolo da comunhão com Deus. Em Betel, Eliseu aprende a orar, a depender de Deus para tudo e a esvaziar-se do próprio eu. Coloca-se nas mãos de Deus e decide fazer apenas a vontade do Senhor.

No sítio de Jericó, os arqueólogos Kelso e Pritchard descobriram uma cidade suntuosa, que fala de uma intensa vida social, onde, certamente, os usos e costumes foram aprimorados, criando-se uma singular etiqueta social. Jericó é também um centro comercial e financeiro, onde se desenvolve o gerenciamento dos negócios e a administração das empresas. Em Jericó, Eliseu aprende a administrar a igreja, a resolver seus problemas, a aconselhar os irmãos, a planejar sua missão e a treinar os membros para o serviço. Ali Eliseu aprende a ser um cavalheiro, com gestos e atitudes no-

Precisamos de pastores que saibam falar à nossa mente e também ao nosso coração. E que suas palavras sejam a expressão de sua experiência com Cristo

bres, maneiras educadas de falar e comportar-se, sabendo como entrar e sair.

O Jordão é o rio símbolo, um curso d'água com origem e destino, desígnio e função, que fertiliza seus bosques e orienta o viajor na sua busca pelo melhor caminho. Isaías 43:20 diz que Deus porá rios no ermo, para dar de beber ao Seu povo. No Jordão, Eliseu confirma sua teologia e a desenvolve para bem pregar e ensinar, para deixar o povo aos pés de Jesus Cristo enquanto o Redentor anda.

Betel modela o servo de Deus. Jericó faz o pastor da igreja. O Jordão forma o teólogo. E o manto de Elias, caindo sobre Eliseu, é a sua unção para o ministério, um ministério de poder, sabedoria e paz.

Em decorrência disso, o pastor é visto pela igreja em várias molduras: religiosa, social e administrativa.

Moldura religiosa

Na moldura religiosa, o pastor interpreta o evangelho e, por isso, é tão visado. Os ideais do cristianismo são esperados na vida do pastor, e ele sabe

como torná-los evidentes. Como ser humano, o pastor não é perfeito. O membro, porém, precisa de um padrão humano para comparar com sua vida. O pastor é o referencial mais usado. A regra "por seus frutos os conhecereis" faz o pastor sofrer muitas cobranças. Sabemos que a coerência da vida cristã pode ser uma farsa, mas a hipocrisia não resiste à prova do tempo. Cedo ou tarde a máscara cai, com prejuízo para o pastor e para a Igreja.

Como a religião é um assunto de foro íntimo, não é fácil avaliar a sinceridade de um pastor, pois ele é protegido por uma aura de santidade que inibe e dilui as dúvidas e acusações. Há, na verdade, uma inibição cultural que o resguarda, uma vez que o membro não quer ser culpado de "estender a mão contra o ungido do Senhor". Há exceções, porém. É necessário, portanto, que o seminário desenvolva mecanismos que ajudem o aluno a identificar seus pontos fracos e a corrigi-los. Nesse sentido, o professor deve ser mestre e observador, envolvendo-se permanentemente com o aluno, única maneira de penetrar na sua realidade interior. Se o professor for motivado pelo amor, um bem incalculável será prestado ao futuro pastor e à Igreja.

A moldura religiosa traz o pastor de volta às suas origens. O que o define? Qual é o cerne de sua missão? Acredito que a resposta é consensual: nutrição da igreja, treinamento dos membros e uma vida de oração. Não há dúvida de que a melhor recomendação de um pastor é um membro habilitado para o trabalho, que acredita na igreja e que a defende; que vê o pastor como o servo de Deus. Isso exige do pastor coragem e uma fé extraordinária para manter esses ideais e promovê-los.

É muito grande a tentação de conquistar o aplauso e a admiração, por meio de atividades que satisfaçam os sentimentos estéticos e as exigências culturais da igreja. O criterioso esforço despendido com ornamentação, música, recursos audiovisuais e mobiliário; a boa preocupação com a qualidade dos programas e dos oradores, bem como com a ordem e pontualidade, tudo isso tem o seu lugar, mas não substitui a ausência da função pastoral.

Treinar o membro e levá-lo a ter um compromisso sério com Cristo e com a igreja continua sendo o caminho para o crescimento do pastor. Perder isso de vista é desviar-se da missão e estimular a divisão da igreja em dois grupos: produtores e clientes. Os produtores suam a camisa para oferecer os melhores produtos aos clientes que apenas vêem, ouvem e aplaudem ou criticam.

A igreja sempre vai precisar de uma boa dose de Isaías 28:13: “Assim, pois, a Palavra do Senhor lhes será preceito sobre preceito, preceito e mais preceito; regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali...” Filosofia teológica exerce pequena influência, uma vez que é muito pequena a memorização dos sermões e eles não são repetidos.

É próprio da nossa cultura não querer ouvir o mesmo sermão duas vezes. De

acordo com Filipenses 3:1, Paulo não ligava para isso e repetia seus escritos. Acredito que uma série de sermões inspirados, cobrindo os aspectos práticos da vida cristã, deveria ser repetida, pois uma grande necessidade da igreja é a de ferramentas para lidar com a tentação, o pecado e as tendências do mundo atual. Mesmo nas igrejas consideradas de bom nível social, a desinformação é patente e muitos membros são orientados pelo que pensam e pelo que acham. Por isso, a teologia deveria ser mais ornamento que substância do sermão; mais veículo que conteúdo, para que haja mais identificação e maior fidelidade.

Temos, em nossas igrejas, alguns paradoxos: membros que gostam de falar da origem do pecado, mas são incapazes de vê-lo em sua própria vida; que discutem o conflito entre criação e

evolução, mas não têm um sólido fundamento para a guarda do sábado; que reconhecem a necessidade do Espírito Santo e oram por Ele, mas não conseguem caracterizar o verdadeiro trabalho do Espírito. O problema mencionado em Hebreus 5:12 existe hoje. Temos a tendência de pensar que os membros se enfadaram quando ensinamos doutrina ou que isso é desnecessário.

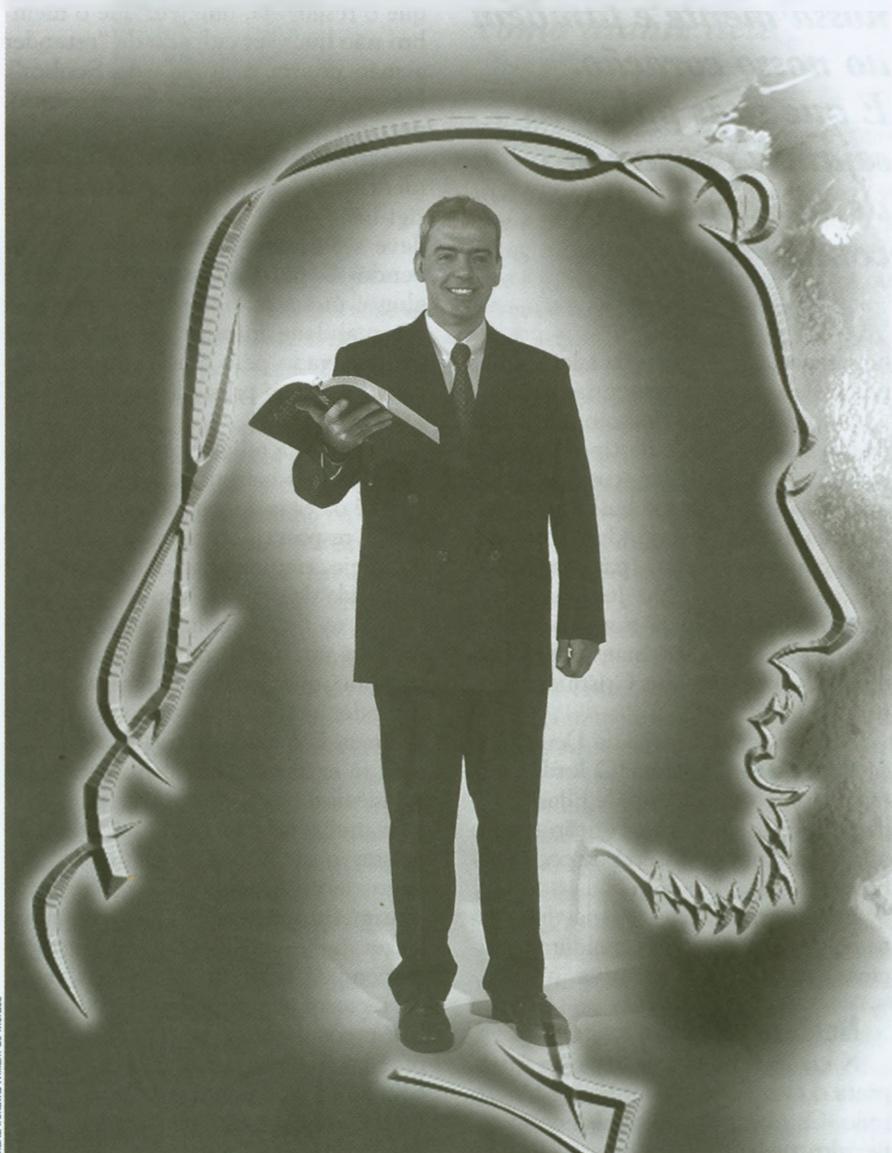
Deleito-me em ver um pastor que não faz aceção de pessoas, que é firme nas normas da Igreja, que faz sermões para os adultos e que os novos entendem, que conhece tão bem sua teologia que esclarece minhas dúvidas de modo convincente, que prepara e equipa os membros para o cumprimento da missão e que deseja que suas ovelhas saibam porque são adventistas. Isso é fazer discípulos, e Jesus mandou fazer discípulos. Se os seminários exportarem pastores sem essas características, as igrejas refletirão a mesma deficiência e os membros terão por norma a lei do menor esforço.

Moldura social

A moldura social é importante e é aqui que muito pastor é sacrificado. Nesse contexto quero analisar a adoção, a rejeição e a adequação do pastor. O pastor deve ser confiável para merecer confiança, e confiança é a base de sua adoção pela igreja. Esse processo de adoção apresenta três fases: na primeira, o pastor é recebido de modo formal, sofre um intenso escrutínio, é observado em todos os ângulos e é chamado de “pastor da igreja”.

Na segunda fase, a igreja verifica que a influência do pastor é decisiva para a solução de problemas; que ele se enquadra naquilo que a congregação espera dele, e passa a chamá-lo de “nosso pastor”. Na terceira fase, o nível de confiança permite consultas pessoais; ele tem acesso a confidências e é chamado pelo título mais desejado: “meu pastor”. A igreja que adota um pastor é feliz e sofre quando ele sai.

A síndrome de rejeição pode ser identificada pelos sinais de isolamento, críticas, condenação e conspiração para substituição. O isolamento é um processo longo e doloroso e revela a formação de uma “irmandade do silêncio”. As conversas são formais e giram em torno de problemas da igreja. Não descem ao nível pessoal. Aparentemente, não se pretende sobrecarregar o



pastor e ele é poupado com o propósito de impedir sua participação nas decisões da vida eclesial. A vida vegetativa da igreja continua sendo do pastor, porque representa a maior fonte de queixas e reclamações, geradas por nomeações e demissões, admissões e desligamentos, comissões e votações.

As críticas realizam o trabalho do cupim. Conversas ao pé do ouvido, ininteligentes, bem fundamentadas, mimam o respeito e a admiração que o pastor merece e de que precisa para bem desempenhar-se. O pastor deve ter um amigo, bem aceito pela maioria e que seja seu avaliador para alertá-lo quanto à repercussão de seus atos. O colega que o precedeu pode ajudá-lo nessa escolha e o seminário pode informá-lo das áreas mais sensíveis da igreja que, com facilidade, geram críticas. Dessas áreas podemos citar os eruditos, que anotam os erros gramaticais e doutrinários; as professoras dos menores que reclamam constantemente da falta de assistência pastoral e de material; os diáconos, sempre na mira das mães, e que criticam o pastor por causa dos filhos dele e da falta de reverência nas reuniões.

A insatisfação do membro de igreja encontra no pastor seu bode expiatório: “não fui eleito”; não fui consultado”; “não fui informado”; são queixas frequentes. Como o pastor é a fonte fidedigna de informação e a autoridade maior, deve ser orientado para posicionar-se correta e aceitavelmente diante da igreja. O conhecimento preciso das normas é, em geral, o melhor argumento e esse conhecimento deve ser atualizado sempre. De outra maneira, o pastor será atropelado pelas próprias decisões. Daí a vantagem de conversar com todos os membros, o que lhe dará uma visão panorâmica e não setorial. Há também a vantagem de manter sua independência, não criando compromissos que cerceiem sua liberdade.

A conspiração para substituição pode ser ostensiva ou dissimulada, e é uma extensão do isolamento. Quando o pastor chega ao ponto em que sua posição fica insustentável, deve recorrer a duas armas poderosas: oração e comissão da igreja. A oração revela seus erros e o caminho para corrigi-los. A comissão é a sua oportunidade de ataque, dentro de uma estratégia bem estudada e calculada, em que a igreja seja confrontada com sua realidade. Para isso, é

necessário que a comissão faça um voto de fidelidade ao *Manual da Igreja*. Se isso acontecer, e se o pastor for sábio, terminará levando a igreja a uma semana de reavivamento com Santa Ceia e a uma reunião administrativa na qual as necessidades congregacionais serão expostas de modo claro e documentado. A conspiração será abortada e os membros reconhecerão que foram precipitados em suas decisões.

O pastor deve ser adequado como homem e como líder. Espera-se que o pastor seja cortês, saiba comportar-se numa recepção, ande bem vestido, tenha voz educada, fale corretamente e seja discreto. Esses aspectos contribuem para o sucesso do pastorado e deveriam receber maior consideração nos seminários. O futuro pastor deveria ser projetado para comparecer diante das autoridades civis e religiosas, com a responsabilidade de representar a Igreja e deixar uma impressão positiva. Deveria também ser trabalhado para adquirir hábitos corretos à mesa e receber orientação autorizada quanto ao vestuário, combinação de cores, corte de cabelo, etc.

A língua é a ferramenta de trabalho do pastor e, para ser proficiente, deve priorizar a gramática. Para uma pessoa exigente, um simples barbarismo pode destruir o poder apelante de um sermão.

A adequação do pastor como líder resume-se em saber relacionar-se. Alguém já disse que 80% a 90% do tempo do pastor é gasto em relacionamentos com seres humanos. Cabe ao seminário dar ao futuro pastor uma sólida formação na área dos relacionamentos humanos, para que ele consiga que um grupo de voluntários pague para trabalhar, doando tempo, energia, dons e bens, e que proíba o pastor de fazer o que eles podem fazer.

Uma formação eminentemente teórica produz teólogos, mas não líderes. Precisamos de pastores que saibam falar à nossa mente e também ao nosso coração, e que suas palavras sejam a expressão de sua experiência com Cristo. Esse desiderato deve permear a índole de todos os nossos recursos formativos para que formando pastores e membros, e não apenas informando, possamos apagar aquela imagem de um rebanho sem pastor.

Moldura administrativa

Os negócios da Igreja devem ser tratados com mão de ferro revestida de

pelica. Essa mão de ferro, no entanto, sabe esperar, ser cortês e sabe valorizar o ser humano, mas não sabe passar por cima das normas da Igreja. É paciente, mas não é covarde. O pastor deve desenvolver perspicácia para enxergar o âmago da questão, pois, se for seduzido por aspectos periféricos, será manipulado. Quando a igreja verifica que o pastor tem esse dom, tira das mãos dele muitos problemas, porque procura ajustar-se ao *Manual da Igreja*.

O pastor é o principal responsável pela saúde financeira da igreja e isso implica em muitas negativas aos diretores de departamentos. Dizer “não” e continuar benquisto exige arte, muito jogo de cintura e defesa do orçamento. A própria gerência financeira do seminário poderia levar seu dia-a-dia para a sala de aula e discutir com os teologandos suas decisões e planejamentos.

Na medida em que a igreja copia o mundo nos seus usos e costumes; quando as nossas posições tradicionais se tornam inadequadas para atender as necessidades das novas gerações; na razão em que a avalanche de questionamentos sobre o que é essencial e acessório chama à ação as mentes mais brilhantes das nossas reservas culturais, é imperioso que os nossos seminários dediquem muito espaço aos “comos” e não somente aos “porquês”

A razão disso é que o membro nem sempre encontra linhas divisórias bem nítidas entre o certo e o errado, como por exemplo trabalhar no sábado para possibilitar atividades religiosas, usar música popular para atrair jovens, dar muita ênfase à forma, favorecendo o elitismo e inibindo os menos capazes, etc.

Como consequência, soltar um pastor novo para enfrentar essa realidade, sem treiná-lo e orientá-lo adequadamente é uma séria ameaça ao seu sucesso profissional e um desestímulo a uma vocação. Acalmar a consciência com o pensamento de que sempre haverá um remanescente contrário à secularização, ao liberalismo e ao legalismo, é condenar um bom número de irmãos à ignorância e ao indiferentismo. Assumir o pastorado de uma igreja sem a visão de sua vida religiosa e administrativa, sem saber como conduzir uma comissão de igreja e sem ter respostas para as mais simples inquietudes dos membros, é um convite ao descrédito e ao constrangimento. 

UMA BATALHA A SER VENCIDA

“Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição” – I Tess. 4:3



ARCHIBALD D. HART

Ph.D., professor de psicologia no Seminário Teológico Fuller, Pasadena, Califórnia, Estados Unidos

No coração de todos os homens, mesmo os bons cristãos, trava-se uma batalha tão real como uma guerra literalmente deflagrada. É uma batalha por integridade, decência e pureza; uma luta que supera as forças que parecem humanamente incontroláveis. E muitos estão perdendo essa batalha.

Dom distorcido

O sexo é um precioso dom de Deus. Mas de todos os dons da criação é provavelmente o mais embaraçoso. Há mais potencial para o pecado no domínio da sexualidade do que em quase qualquer área de nossa vida. A admoestação de Paulo aos tessalonicenses indica o poder que o sexo exercia já em seus dias.

Em mais de 30 anos de prática clínica, trabalhando com homens cristãos e pastores, não tenho encontrado um tópico mais desconcertante do que este. Apesar da revolução sexual, ou talvez

por causa dela, os homens parecem estar cada vez mais confusos do que antes, frente à sua sexualidade. Lutam para compreender o seu poder, como controlá-la e, acima de tudo, como santificá-la, de acordo com a advertência paulina.

Por que será que muitos lutam tanto para equilibrar a ação dos hormônios com seu desejo de serem bons, devotos e fiéis maridos e pastores? Uma razão é que as tensões que sentimos na vida sexual parecem corresponder à “concupiscência da carne”. Outra razão é que vivemos em uma época de estímulos sobrecarregados de sexo.

Esses homens engajam-se numa luta que é indiscutível, como todo conselheiro familiar o sabe. Mesmo homens bons têm dificuldade para diferenciar entre a sexualidade saudável, daquela que é anormal. Muitos deles temem que, pelo fato de possuírem um forte direcionamento sexual, tenham algum desvio. Alguns temem que possam ser pervertidos ou viciados em alguma aberração sexual.

O pano de fundo da questão é que todos os homens lutam para conservar a cabeça acima das turbulentas ondas de seu testosterona. O direcionamento sexual é uma força poderosa em homens saudáveis e, logicamente, alguns lutam mais que outros. Homens com forte direcionamento sexual podem facilmente desenvolver um penetrante senso de culpa e auto-rejeição, embora esse forte direcionamento não seja anormal.

Que nós devemos controlar nossos impulsos sexuais e canalizá-los para um escape apropriado é o desafio que todos enfrentamos. Mas como vamos conseguir fazê-lo? Qual é o real problema?

Certamente não é a sexualidade em si mesma, já que ela é parte da criação de Deus. Acredito que esse dom divino tem sido distorcido, e os homens em particular têm perdido o rumo. O que Deus tencionava fosse uma feliz e transcendente experiência de união entre um homem e uma mulher acabou sendo um aborrecido e frustrante desafio.

Fontes de distorção

Podem ser identificadas muitas fontes de distorção sexual. A primeira delas é o véu do silêncio. Isso aumenta a influência distorcida da sexualidade masculina. Embora a média dos homens pense muito em sexo, esse é um assunto muito pessoal e íntimo para ser discutido abertamente. Eles nem querem admitir quão frequentemente pensam a respeito do assunto.

Alguns homens fazem piadas com o sexo, mas dificilmente falam seriamente sobre ele. O resultado? Muitos garotos crescem lutando para distinguir entre o que é normal e saudável do que é doente e pecaminoso. Não têm sentido de onde reside o normal porque não sabem o que outros estão pensando ou sentindo intimamente.

Esse véu de silêncio pode ter consequências devastadoras. Por um lado, os garotos não obtêm informação acurada e saudável sobre sexo, da parte dos pais, à medida que crescem. O que eles aprendem com os amigos é cheio de distorções ou emoldurado com a culpa tão associada ao sexo em alguns lares cristãos.

Há, entretanto, uma penalidade muito mais séria para o silêncio dos homens: o fracasso em ajudar os pais a modelarem uma sexualidade saudável. Muitos filhos não vêem os pais como se-

res sexuais e isso pode, por exemplo, privá-los de aprender como se comportarem diante de uma mulher. Sem modelos adequados, os meninos desenvolvem uma sexualidade que é desencaminhada e, em muitos casos, imoral e perigosa.

Pornografia e cibersexo são a segunda fonte de distorção sexual. Não existe maior ameaça a uma saudável e santificada sexualidade masculina do que a pornografia. Ela está devastando nossos filhos e criando uma epidemia de viciados em imagens sexualmente estimulantes. Através da pornografia e dos meios de comunicação que a exploram, muitos homens têm desenvolvido ou exacerbado uma sexualidade obsessivo-compulsiva. Têm manipulado os aspectos físicos da sexualidade humana e agido compulsiva e obsessivamente em relação a eles.

A média dos homens hoje é bombardeada de todo lado por estímulo sexual. A mídia descobriu que a publicidade apelativa ao sexo vende mais do que qualquer coisa. Poucos homens escapam a essa influência. A pornografia também alimenta expectativas irreais de recompensa, muda a visão dos homens em relação às mulheres, que passam a ser vistas apenas como objetos sexuais, e fomenta a sexualidade sem compromisso. Isso significa que muitos homens usuários da pornografia não sabem como se relacionar com as mulheres e têm grande dificuldade em resolver esse problema.

Mas a pornografia é apenas a ponta do *iceberg*. O cibersexo está se tornando a principal fonte de pornografia. Existem hoje milhares de *websites* oferecendo sexo explícito em privacidade total. Isso já é uma grande tentação para homens cristãos. Há um panorama mais assustador que transforma a pornografia em sexo virtual, onde computadores ligados à Internet oferecem uma variedade de experiências sexuais, em tempo real, com parceiros virtuais. Isso é tão viciante que é apontado como abuso na lista de preocupações sociais.

Finalmente, a terceira fonte de distorção sexual está relacionada com a puberdade, adolescência e o “longo período de espera”. A influência deletéria da pornografia é particularmente severa quando captura jovens. Nesse contexto, necessitamos estar alertas para um significativo efeito biológico: a idade da puberdade de cada vez é mais precoce. Essa realidade sempre aparece como uma surpresa em qualquer lugar onde faço palestras sobre o assunto. Para meninos e meninas,

quanto mais desenvolvida é uma cultura, mais cedo ocorre a puberdade. Muitos fatores, incluindo condições de vida saudável e melhor nutrição, são considerados como causa do problema.

Há 200 anos, a puberdade ocorria somente por volta dos 17 ou 18 anos, quando um jovem estava perto de casar. Era um curto período de espera pelo sexo. Quando eu era adolescente, a idade média para a puberdade era 13 anos. Meus netos estão agora atingindo a puberdade por volta dos onze anos. Quem sabe quando esse fenômeno vai se estabilizar? É assustador perceber que garotos com onze anos possam estar fisicamente maduros para fazer bebês, mas não estejam suficientes maduros para alimentá-los e criá-los. Mas essa é a realidade do nosso mundo hoje.

*Há mais potencial
para o pecado
no domínio da
sexualidade do que
em quase qualquer
área da vida.*

Em suma: o período de espera entre a puberdade e o momento quando um jovem pode legitimamente experimentar o sexo no casamento já está longo e continua aumentando. Esse longo período de espera é altamente influenciável em prover oportunidades para o desenvolvimento de distorções sexuais no jovem.

As alternativas seculares, comuns, hoje, são o sexo livre de qualquer compromisso, com risco de gravidez indesejada e as distorções psicológicas culturais e sociais decorrentes, ou a masturbação associada à pornografia. Não raro ocorre uma combinação das duas coisas. Seguramente, uma forte dependência de pornografia, por homens, nesse período da vida, deve criar sérias tendências viciantes que dificilmente serão quebradas.

O caminho saudável

Diante do que foi dito até aqui, nunca será exaustivo afirmar quão importante é que abordemos esse assunto em nossas igrejas. Não existe outra estrutura social em que devamos colocar nossa esperança. Devemos dar a mais alta prioridade em modelar uma saudável sexualidade em nossos jovens, especialmente meninos.

Também necessitamos prover oportunidades para ajudar os homens. Incriminá-los porque eles parecem fora de controle, não ajuda. Isso apenas produzirá mais culpa, remorso e silêncio. A batalha pode ser vencida somente se os ajudarmos a desenvolver uma sexualidade saudável. Os desafios são enormes e não quero dar a impressão de que existam soluções rápidas e fáceis. Entretanto, aqui estão alguns caminhos práticos que podem começar a reconstruir o maravilhoso presente que Deus nos deu:

Intervenção divina. Embora haja muitas ajudas terapêuticas oferecidas, somente o poder de Deus pode resgatar um homem de qualquer grau de sexualidade distorcida.

Rompendo o véu. Devemos ajudar a Igreja a quebrar o véu de silêncio que envolve a sexualidade. É chegado o tempo para discussão franca e aberta, nas igrejas, sobre os perigos de fantasias sexuais, da exposição de crianças à pornografia, e sobre a importância de uma vida equilibrada e saudável. Quando a vida de alguém é rica em significado, as tentações sexuais perdem sua força.

Ajuda conjugal. Os casais necessitam ajuda para tratar de seus problemas sexuais no casamento. Igrejas que mantêm distância desses assuntos ou que não oferecem programas de ajuda a casais em suas lutas e diferenças estão apenas perpetuando o problema.

Ajuda aos filhos. Os pais necessitam aprender ajudar seus filhos, especialmente meninos, a desenvolverem uma sexualidade saudável. Isso deve ser feito sem fingimentos, sem criar culpa, que é inadvertidamente a maneira mais comum à qual os pais cristãos recorrem.

Os problemas enfrentados pelos homens enquanto eles procuram desenvolver uma sexualidade santificada não vão terminar. Os desafios serão ainda maiores. Mas a igreja deve estar comprometida a restaurar a sexualidade santificada. 

A CRIAÇÃO E O SANTUÁRIO



ANGEL MANUEL RODRÍGUEZ

Th.D., diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da IASD

Durante os últimos 25 anos, eruditos em todo o mundo estão interessados no estudo dos rituais do tabernáculo israelita. Estudos teológicos e lingüísticos têm contribuído para melhor compreensão do livro de Levítico e o sistema sacrificial do Antigo Testamento.

Curiosamente, alguns eruditos têm usado os primeiros três capítulos de Gênesis para entrar na teologia do santuário israelita. Eles têm conseguido identificar algumas interessantes conexões entre a narrativa da construção do santuário (Êxo. 25-31) e o relato da criação (Gên. 1-2:3).¹ Este artigo resumirá o resultado desses estudos, a partir da perspectiva adventista.

Em Gênesis 1, a maioria dos paralelos entre o relato da criação e a construção do santuário está baseada no uso do número sete na história do tabernáculo, mas há também alguns paralelos lingüísticos que requerem nossa atenção.

Paralelos

Sete dias. De acordo com Êxo. 24:15-17, Moisés subiu o Monte Sinai para receber instruções sobre a construção do santuário e esperou por seis dias. No sétimo, o Senhor falou-lhe em uma nu-

Paralelos entre o relato da criação e a construção do tabernáculo israelita

vem teofânica. A seqüência de sete dias é a mesma que encontramos em Gênesis. Não é certo se o sétimo dia nesse caso era um sábado, mas a referência a sete dias sugere uma conexão entre as duas narrativas. Nos dois casos, o sétimo dia proveu tempo no qual houve um encontro especial entre Deus e o homem.

Sete discursos. Deus instruiu Moisés sobre a construção do santuário através de sete discursos introduzidos pela frase: “Disse o Senhor a Moisés” (Êxo. 25:1; 30:11, 17, 22, e 34; 31:1 e 12). “Aparentemente a inferência do contexto é que assim como Deus repousou depois de criar o mundo, assim deveria Israel construir o santuário.”² No relato da criação, Deus falou durante sete dias e repousou no sétimo. Parece ser esse o modelo seguido na construção do tabernáculo.

O número sete e a construção.³ Embora as instruções para construir o santuário terminassem com um discurso sobre o sábado, a narrativa da verdadeira construção começa com uma referência ao mandamento do sábado (35:1-3). A construção de um santuário sagrado não justifica a violação do mandamento sabático. Tempo sagrado é mais importante para o Senhor do que a construção de um espaço sagrado, embora ambos sejam importantes (Lev. 19:30; 26:2).

Sete também é importante em Êxo. 40:17-33. A frase “segundo o Senhor ordenara a Moisés” é usada sete vezes, nesse texto, para descrever a construção do santuário. É em obediência a Deus e segundo Suas instruções específicas que ele é progressivamente construído.

Paralelos lingüísticos. Há alguns paralelos terminológicos entre Gên. 1-2:3 e a construção do santuário. Deus viu tudo que tinha feito e avaliou como “muito bom” (Gên. 1:31); Moisés viu todo o trabalho que tinha sido feito (Êxo. 39:43). Gênesis estabelece que os céus e a Terra foram acabados (Gên. 2:1 e 2). Depois de construído o santuário, é dito que “assim se concluiu toda a obra do tabernáculo da tenda da congregação;” “Assim Moisés acabou a obra” (Êxo. 39:32; 40:33). Deus terminou Sua obra criadora e abençoou o sétimo dia (Gên. 2:3). Moisés terminou o tabernáculo e abençoou o povo (Êxo. 39:43).

Durante a semana da criação Deus fez separação entre luz e trevas, água e água, dia e noite (Gên 1:4, 6, 7, 14 e 18). Depois de Gên. 1, a expressão “separação entre...” é usada novamente no estabelecimento do tabernáculo. Um véu separava o lugar santo do santíssimo (Êxo. 26:33) e os sacerdotes eram separados entre o santo e o comum, o limpo e o imundo (Lev. 10:10). A ênfase é sobre o fato de que “o Deus criador é um Deus de ordem”.⁴

A presença do Espírito. O Espírito de Deus é mencionado tanto no relato da criação como na construção do tabernáculo.⁵ Em Gên. 41:38, Faraó usa a frase “espírito de Deus”, mas muito provavelmente tinha em mente seus próprios deuses. Portanto, a próxima referência bíblica ao Espírito de Deus, depois de Gên. 1:1, é encontrada em Êxo. 31:3. Deus habilitou certos indivíduos a construir o santuário dotando-os do Seu Espírito (31:3; 35:31).

Significado

Novo encontro. A seqüência de seis dias levando a um sétimo aponta para o fato de que Deus e os homens podem desfrutar permanente companheirismo. Deus desceu até onde os homens estavam. Os seis dias da criação culminaram em permanente companheirismo entre Deus e o homem, e o mesmo estava disponível no santuário. Ao final da semana da criação foi instituído o sábado; ao término da construção do santuário a santidade do sábado foi reafirmada e o tabernáculo foi inaugurado. Nos dois casos alguma coisa santa veio à existência. Uma era um santuário no tempo, a outra era um santuário no espaço. A existência da criatura estava preenchida, de modo especial, com a santificadora presença do Criador.

Criação ordenada. A criação e o santuário vieram à existência através da palavra divina. Deus ordenou e, como resultado, o tabernáculo foi construído. O ato criador de Deus parece servir de modelo para a construção do tabernáculo. Criação e santuário "são produtos da ordem divina. Tal como a palavra de Deus na criação significa que ela foi completada segundo a Sua vontade, a construção do santuário segundo o modelo celestial significa que ele corresponde exatamente à vontade divina".⁶

Houve progresso e ordem na criação e na construção do santuário. Um elemento seguiu o outro, suas funções específicas foram estabelecidas e algo novo veio à existência.

A criação e o Espírito. O Espírito, presente em Gên. 1, também estava ativo na construção do tabernáculo. O resultado foi harmonia, equilíbrio estético, elegância e beleza. A intrincada arte dos que foram usados pelo Espírito "espelhava a própria ação de Deus. Os preciosos metais com os quais eles trabalhavam eram produto da bela criação divina e deram nova forma àquela beleza dentro da criação".⁷

Nova criação. A criação original de Deus era muito boa. O próprio santuário era muito bom, mas foi construído em meio a um mundo caracterizado pelo caos e rebelião. Na criação, o Senhor separou elementos rivais que completavam um ao outro. No tabernáculo, o ato de separação foi motivado por uma preocupação diferente do caso de Gên. 1. Dilaceração e desordem, ausentes em Gênesis 1 e 2, e har-

monia e ordem ali existentes, foram designadas em esferas diferentes. Havia agora dois principais reinos de existência: o santo e o comum, o puro e o impuro. O povo de Deus foi colocado no reino do santo.

Na construção do tabernáculo Deus estava restabelecendo a harmonia descrita em Gênesis 1 e 2, excluindo os elementos de ruptura e impureza da Sua presença e da vida do Seu povo. Essa ordem foi estabelecida e mantida através de cuidadosa observação das divisões categóricas, através do reconhecimento e manutenção de limites. Deus agora estava residindo entre Seu povo e isso constituía o início do retorno da Sua criação ao que originalmente Ele planejou.

A ordem restabelecida no santuário israelita deveria alcançar dimensões cósmicas. Poderia parecer que a teologia de Gênesis 1, encontrada em passagens que tratam da construção do santuário, aponte a percepção e compreensão dessa instituição como um símbolo relacionado, embora não necessariamente fundamentado, à cosmogonia. O fato de que a construção do santuário foi terminada no início de um novo ano (Êxo. 40:17), "sublinha a idéia de que uma nova era na vida do povo começa e a associação cosmogônica do tabernáculo é desse modo fortalecida".⁸

Poderíamos sugerir que o tabernáculo é a realização da ordem criada por Deus na História. Mas essa bênção não deveria ser limitada a Israel, porque "essa miniatura da criação é o começo de um esforço macrocósmico da parte de Deus. Através de Seu povo, a presença de Deus deve se mover em uma nova criação para todos. ... A presença de Deus no tabernáculo é uma afirmação sobre a presença de Deus no mundo. A glória ali manifestada deve fluir por todo o mundo".⁹

Simbolismo cósmico

O santuário é uma porção refeita da criação original de Deus, no estado de pureza e harmonia com o qual Ele a dotou no início. A harmonia e pureza que caracterizam esse lugar único são graciosamente estendidas por Deus a Seu povo. Porém, Seu objetivo final é que todo o mundo seja possuído pela glória dAquele que no tabernáculo terrestre residiu no meio das impurezas do Seu povo.

Não deveríamos omitir o fato de que o tabernáculo foi construído conforme um modelo celestial mostrado a Moisés (Êxo. 25:8 e 9). A implicação é que o fragmento da criação original é modelado segundo a realidade celestial. O espaço da presença de Deus num mundo de desordem reflete o espaço da Sua presença num mundo celestial de harmonia e ordem. O lugar da morada de Deus no reino celestial se estende aos homens e cria um santo espaço onde Ele Se localiza.

Isso é necessário porque a criação original de Deus não está disponível aos humanos. Mas o mundo celestial ainda existe e o mundo dos humanos pode ser incorporado nele, através de um ato recriador. Poderia ser dito que o tabernáculo foi um símbolo da ordem cósmica em que a harmonia e ordem ali presentes deveriam alcançar todo o mundo.

O simbolismo cósmico do tabernáculo significa que a ordem universal é restaurada somente quando a presença de Deus é sentida e experimentada entre os seres humanos. É através da divina descida à esfera humana que a ordem é criada e instituída em um mundo caótico (Êxo. 19:18; 40:34 e 35).

Dentro dessa moldura de referência teológica, o sistema sacrificial serviu ao propósito de iniciar, preservar e restaurar o estado de ordem e harmonia recriado por Deus no tabernáculo. Isso adiciona significado ao ritual do Dia da Expição (Lev. 16), que pode agora ser compreendido como um ritual que "simbolicamente restaura no indivíduo e no mundo a ordem encontrada na criação".¹⁰

Durante as atividades daquele dia os poderes cósmicos do mal são derrotados por Deus, e em um ato de soberania Ele os envia para sua impureza e pecados. A separação entre o santo e o imundo alcança dimensões cósmicas e aponta a uma experiência futura permanente e universal. 

Referências:

- ¹ J. Blenkinsopp, *The Structure of P*, *Catholic Biblical Quarterly* 28 (1976), págs. 275-292.
- ² *Idem*, pág. 281.
- ³ Samuel E. Balentine, *The Torah's Vision of Worship* (Minneapolis, Minn.: Fortress Press, 1999), págs. 136-141.
- ⁴ Benedikt Otzen, em *Theological Dictionary of the Old Testament*, vol. 2, (Grand Rapids: Eerdmans, 1975), pág. 2.
- ⁵ J. Blenkinsopp, *Op. Cit.*, pág. 282.
- ⁶ Terence E. Fretheim, *Exodus: Interpretation* (Louisville, Ky.: John Knox Press, 1991), págs. 268-272.
- ⁷ *Idem*, pág. 269.
- ⁸ Nahum M. Sarna, *The JPS Commentary: Exodus* (Nova York: Jewish Publication Society, 1991), pág. 156.
- ⁹ *Idem*, pág. 214.
- ¹⁰ Samuel E. Balentine, *Op. Cit.*, pág. 75.

Conselhos a JOVENS PASTORES



JAMES A. CRESS

Secretário ministerial da Associação Geral da IASD

Meses atrás, fui solicitado a escrever uma breve filosofia de trabalho para ser partilhada com estudantes de um seminário. A pesquisa requeria que minha declaração fosse curta o bastante para ser lida como parte de um culto.

Convencido de que a brevidade usualmente prende a atenção, resumi meu conselho em três afirmações: 1) amem o Senhor e o Seu povo; 2) amem suas esposas; 3) em caso de dúvidas, falem com o presidente do Campo. A maioria dos traumas que experimentamos, como pastores, é resultado de seguirmos prioridades diferentes dessas.

Pois bem, fiquei pensando nos conselhos que outros pastores poderiam dar a nossos aspirantes. E pedi à minha esposa, Sharon, que fizesse a mesma pesquisa durante um encontro que ela teria com pastores jubilados. Acredito que você encontrará alguma ajuda prática das respostas que eles deram, especialmente se você é um jovem pastor.

Não seja ditador. As igrejas hoje estão buscando líderes, não ditadores. Seus membros esperam que você tenha uma opinião e expresse suas convicções. Porém, eles não querem que você lhes empurre sua agenda a ponto de destruir-lhes a habilidade ou o desejo

As igrejas hoje estão buscando líderes, não ditadores

de avançar com você. Envolver os membros no estabelecimento de prioridades e metas congregacionais é uma fórmula segura para o êxito.

Contextualize seu pastorado. Por exemplo, igrejas pequenas têm necessidades diferentes daquelas das igrejas médias e grandes. Jovens pastores provavelmente encontrarão dificuldade para dirigir uma igreja com uma liderança patriarcal estabelecida, avessa a mudanças. Nesse caso, você será mais efetivo treinando e cuidando de novos membros, em lugar de ficar tentando remover a base de poder existente.

Conheça seus membros. Visite-os. Invista tempo falando com eles e ouvindo-os. Relacione-se com eles. As pessoas são melhor pastoreadas por alguém a quem elas conhecem e em quem confiam. Lealdade e confiança são desenvolvidas com o tempo, à medida que os membros percebem que você tem o melhor interesse por eles. Lembre-se: eles não se importam com o quanto você conhece até que saibam o quanto você se importa com eles.

Faça sermões práticos. Seus melhores sermões mostrarão claramente o que você quer que seu rebanho faça durante a próxima semana. Prepare cada mensagem com uma aplicação específica em mente. Sua teologia pode ser saudável, sua elocução pode ser deslumbrante. Mas é a implementação da

mensagem na vida real das pessoas que diz o que você pregou.

Seja inclusivo. Empenhe-se para reunir cônjuges e filhos não adventistas. Encoraje a formação de círculos de amizade que incluam os recém-conversos. Legitime aqueles pequenos grupos que tenham como objetivo novos membros em potencial, que ativamente busquem multiplicar discípulos, e não simplesmente manter o *status quo*.

Evite ser reativo. Por todos os meios responda aos requerimentos dos membros, mas dentro da moldura que você planejou para seu pastorado. Estabeleça objetivos prioritários e específicos, e somente por uma emergência imprevista se desvie do plano. Você fará muito pouco se esperar que alguém lhe telefone para determinar seu próximo curso de ação. Esse processo reativo cuida do urgente em detrimento do essencial.

Domine a tecnologia. É a tecnologia sua serva ou mestra? Limite seu tempo no computador. O computador pode substituir a TV como grande ladrão do tempo. Pastores pouco efetivos gastam muito mais tempo com o computador do que com a esposa, os membros e seu Senhor. E a pornografia não é o único problema da internet. Ela lhe tira oportunidades essenciais de desenvolvimento espiritual e dos relacionamentos conjugal e espiritual.

Tenha uma perspectiva espiritual. Como diz o velho ditado, ninguém é substituível. Depois que você se aposentar ou morrer, a Igreja continuará avançando. Prepare líderes para substituir você. Disponha-se a ouvir pessoas que lhe falarão sempre a verdade, não apenas o que você quer ouvir. Não marginalize nem coloque no ostracismo as pessoas que lhe falam a verdade. Não se coloque à venda por nenhum preço. 

UMA UNIÃO PERFEITA



William de Moraes

JOSÉ CARLOS RAMOS

D.Min., professor e coordenador do programa doutoral no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP, Brasil

Profecias bíblicas, principalmente do gênero apocalíptico, são comumente apresentadas em campanhas evangelísticas. Isso é feito na consciência de serem tão importantes e necessárias como qualquer outro tema. Considerando que uma série de conferências objetiva especialmente propiciar aos assistentes um conhecimento bíblico que os impulse a uma experiência genuína de conversão, qual a relevância das profecias nesse processo? Com que base é possível sustentar que abordagem profética e evangelismo são compatíveis, a ponto da primeira integrar substancialmente o temário do segundo?

A resposta a essas questões são de natureza um tanto complexa e depende essencialmente de como se conceituam os dois elementos. Evangelismo e profecia bíblica podem ser definidos tão equivocadamente que pouco relacionamento pode ser percebido entre as duas coisas. Mas quando adequadamente compreendidos mostram-se consistentes, solidários, reciprocamente dependentes, complementares e equivalentes. Com efeito, proclamação

Profecia bíblica e evangelismo não se excluem; equivalem-se. Proclamação profética é proclamação evangelística e vice-versa

evangelística é essencialmente uma proclamação profética e vice-versa.

Definição de evangelismo

Os dicionários definem evangelizar como “pregar, difundir o evangelho”,¹ “instruir no evangelho, converter ao cristianismo”.² Evangelismo é “o esforço zeloso para se espalhar o evangelho, como em reuniões de reavivamento”.³ O termo envolve um sentido extremamente positivo. É uma palavra derivada das expressões gregas *eu* (bem, bom) e *angelion* (notícia, mensagem). Evangelho, portanto, significa boas-novas; e evangelista é aquele que as anuncia. A palavra também tem origem grega – *Euangelistes* –, derivada de *angelos*, que significa mensageiro.

Nos tempos apostólicos, os evangelistas, ao contrário de anciãos e pastores, não tinham local fixo de trabalho. Atuavam como itinerantes, “pregando a todos os que ainda ignoravam a salvação por Cristo”.⁴

Essas observações estão em harmonia com o conceito bíblico de que evangelizar é testemunhar de Cristo; é anunciá-Lo como Salvador, com todas as implicações que esse fato preconiza, inclusive a resposta humana, que culmina com o batismo e uma vida totalmente voltada a Cristo e aos interesses de Sua Igreja. Para o conhecido evangelista Billy Graham, “evangelismo abrange todos os esforços no sentido de

declarar as boas-novas de Jesus Cristo, com o objetivo de que as pessoas entendam a oferta de salvação de Deus, tenham fé e tornem-se discípulos”.⁵

O objetivo

Não é o batismo, porém, o objetivo precípua do evangelismo, como Paulo afirmou: “Não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho” (I Cor. 1:17). É evidente que o apóstolo não via nenhum conflito entre pregação e batismo. Ele sabia perfeitamente que quem cresse e fosse batizado seria salvo (Mar. 16:16). Ele mesmo havia sido batizado, ao crer, e batizara a muitos pelos quais trabalhara.

Mas o apóstolo não fazia do batismo a motivação do seu ministério. “Sua principal tarefa não era batizar, mas persuadir [homens e mulheres] a que se entregassem ao Salvador... Seu trabalho era tornar conhecidas as boas-novas da salvação a todas as pessoas, e conclamá-las ao arrependimento e à fé em Jesus.”⁶

Para ele, o evangelismo não era uma questão de persuasão batismal, mas de instância em favor da aceitação de Cristo por parte dos ouvintes. Isso consumado, uma confirmação pública dessa aceitação era efetivada com a administração do batismo. O alvo do evangelismo apostólico era, de fato, que só se batizassem aqueles para quem Cristo Se tornasse o Senhor supremo da vida. Batismo sem a consolidação dessa ex-



periência era dispensável, dada a sua inutilidade.

Evangelismo, portanto, é mais que uma simples doutrinação; não é mero proselitismo, e menos ainda “lavagem cerebral”. É, em primeiro plano, “fazer Cristo acontecer”. É tomar os eventos do Calvário e da tumba de José de Arimatéia com o empenho, sob a operação do mesmo Espírito que os fez ocorrer na História, de que venham eles agora a ocorrer em vidas humanas.

Validade da estratégia

É o ideal apostólico algo a ser perseguido nos dias atuais, num mundo tão tecnocrático como o nosso? Sim, pois a necessidade do pecador continua a mesma, agora intensificada pela premência do tempo. O que Deus oferece para satisfazer essa necessidade continua sendo o evangelho. E a Igreja remanescente precisa se destacar na apresentação de Cristo. “De todos os

professos cristãos, devem os adventistas do sétimo dia ser os primeiros a exaltar Cristo perante o mundo.”⁷

Como ocorria com os pregadores primitivos, “Cristo crucificado, Cristo ressurgido, Cristo assunto aos Céus, Cristo vindo outra vez, deve abrandar, alegrar e encher o espírito do ministro, por tal forma, que ele apresente estas verdades ao povo em amor, e profundo zelo. O ministro desaparecerá então, e Jesus será revelado”.⁸

“Seja a ciência da salvação o tema central de todo sermão, de todo hino. Seja ela manifestada em toda súplica. Não introduzais em vossas pregações coisa alguma que seja um suplemento a Cristo, a sabedoria e o poder de Deus. Mantende perante o povo a palavra da vida, apresentando Jesus como a esperança do arrependido e a fortaleza de todo crente.”⁹

O meio mais eficiente de levar pessoas a perderem a ilusão com os atrati-

vos do mundo é conduzir sua atenção a Jesus, o único que satisfaz todos os anseios. “A fim de ensinar aos homens e mulheres o nenhum valor das coisas terrestres, deveis encaminhá-los à fonte viva e levá-los a beberem de Cristo, até que o seu coração esteja repleto do amor de Deus, e Cristo seja neles uma fonte de água que salta para a vida eterna.”¹⁰

A proclamação cristocêntrica faz o evangelista visar o coração, a mente e o raciocínio dos ouvintes. Só assim, ele, de fato, realizará evangelismo. “A obra do pastor não está completa enquanto ele não fizer sentir a seus ouvintes a necessidade de uma transformação de coração.”¹¹

Objetivar a transformação do coração implica a tarefa do ensino bíblico, pois apenas pela Bíblia a pessoa evangelizada entenderá a vontade de Deus para ela. Portanto, a doutrinação cabal é parte integrante do processo de evangelização, mas temas doutrinários e de natureza ética só serão adequadamente absorvidos e genuinamente vivenciados por aqueles que renderem sua vida a Jesus. É justamente por essa razão que o pregador, a exemplo de Cristo, visará o coração.

Quando uma pessoa abre o coração para receber o Salvador, o assentimento mental às doutrinas bíblicas é assunto resolvido. O segredo continua sendo a exaltação de Cristo, pois “quando o coração estiver convertido, tudo que não está em harmonia com a Palavra de Deus cairá”.¹² As doutrinas serão apresentadas como expressão do próprio Cristo, de Seu inefável caráter. É por essa razão que as doutrinas estarão sempre vinculadas ao Calvário. “O sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado, é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras. A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra de Deus, de Gênesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que dimana da cruz do Calvário.”¹³

Significado e natureza da profecia

Estabelecido o conceito bíblico de evangelismo, vamos determinar a natureza e o significado da profecia bíblica, e ver como um e outro conceito se mesclam.

Uma análise atenta do assunto indica que a profecia bíblica é muito mais que uma simples exposição de fatos a ocorrerem. Existe naturalmente um elemento preditivo na mensagem profética, mas esse decorre do significado mais amplo e transcendente da profecia.

A profecia bíblica é uma providência divina face a uma situação específica: a pecaminosidade do homem e sua necessidade de salvação. Foi o meio escolhido por Deus para revelar aos pecadores o plano da redenção, e concitá-los a se valerem dele. Portanto, a profecia e o evangelismo se igualam no tratamento do mesmo assunto.

A Bíblia é fruto do exercício profético. A revelação divina ao homem, através do ministério dos profetas que “falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (II Ped. 1:21), proveu o material constitutivo do Antigo e Novo Testamentos. Em outras palavras, é de natureza profética não apenas aquilo que é especificamente profecia na Bíblia, mas todo o seu conteúdo.

Tudo na Bíblia é de incomensurável valor para a edificação espiritual do povo de Deus. Como declara MacRae, “cada coisa que Deus fez com que fosse incluída na Bíblia é de real importância para Seu povo no transcurso das eras”.¹⁴ Desde que o evangelismo tem como objetivo incrementar a Igreja, transparece que ambos, evangelismo e profecia, coincidem igualmente em seu propósito último.

O tema central da profecia é o mesmo de qualquer outra matéria bíblica. É também o tema da Bíblia como um todo. Assuntos proféticos abordados no evangelismo, portanto, têm o mesmo grau de importância de qualquer outro assunto, por ser tão bíblico como os demais. E se toda a Bíblia é de natureza profética, então todo o sistema evangelístico comporta uma dimensão profética.

Observamos nas páginas sagradas o posicionamento de Deus diante do dilema do pecado. Elas nos deixam a certeza de que Deus está no controle de cada coisa, e que, no final, o pecado será “como se nunca tivesse sido”. O plano da redenção é o assunto predominante na Bíblia. O que Ele opera no transcurso dos séculos para que esse plano seja efetivado é o conteúdo essencial da profecia e daquilo que se nos oferece em toda a Bíblia. E não o é também do autêntico evangelismo?

O conteúdo bíblico implica atuação divina, revelação, ordem e missão, precisamente o que define a substância, a origem, natureza, imprescindibilidade e *modus operandi* do evangelismo. Este encontra sua razão de ser na encarnação e deriva do imperativo missionário de Jesus à Igreja (Mat. 28:19). Em vis-

ta do ocorrido na cruz, a Igreja é constringida ao cumprimento de sua missão (II Cor. 5:14-20), e aquele que é chamado como evangelista se verá dominado, como afirma Élbio Pereyra, por “um fogo interno... a chama divina que o inflama e que não é outra coisa senão sua mensagem. Tem de proferi-la nas ruas, nas praças, perante o povo, em concentrações, ou diante dos indivíduos que o requeiram, para sentir-se em paz e realizado em sua missão”.¹⁵

Porta-voz e testemunha

Esse fenômeno ocorria no passado precisamente com o *nabî*, termo hebraico identificador do porta-voz de Deus (Deut. 18:18). A Moisés, que alegou dificuldade na linguagem, foi permitido por Deus ter seu irmão Aarão como profeta, isto é, seu porta-voz, diante de Faraó (Êxo. 4:15 e 16; 7:1). Jeremias, que também alegou a mesma coisa, teve a segurança da parte de Deus de que as palavras divinas estavam sendo colocadas em sua boca (Jer. 1:5-9). Seria considerado a boca de Deus (Jer. 15:19). Os tradutores da Septuaginta verteram o termo *nabî* para *prophètes*, várias vezes empregado no Novo Testamento em referência aos profetas tanto da antiga como da nova dispensação.

Portanto, *nabî*, mais que um mero prognosticador, era antes de tudo um exortador, o que combina com a natureza da profecia bíblica. Conforme Atos 4:36, *bar-nabî* é filho da exortação ou consolação. O termo, possivelmente, deriva do acádio *nabu*, que significa “falar”, ou do árabe *naba* a cujo significado é “anunciar”. Se cada evangelista é um exortador, então é potencialmente um *nabî*; e cada *nabî*, um evangelista, tomando-se em conta que a profecia tem no plano da redenção o seu teor essencial.

Ou, como observa Rubén Pereyra, “o pregador deve ser uma mistura de profeta apocalíptico e mensageiro evangélico; ou de João Batista e João evangelista. Deve falar de Deus como fogo consumidor e Deus de amor. Deve repreender e, ao mesmo tempo, dar esperança; castigar, e deitar

azeite sobre a ferida; falar da destruição do dia de ajuste de contas e do bálsamo benfazejo que emana da cruz de Cristo; da ‘bondade e severidade de Deus (Rom. 11:22)’”.¹⁶

Conseqüentemente, o evangelismo é pura dinâmica, e o evangelho não pode ser apresentado como simples teoria. O evangelista é uma testemunha (Atos 1:8), chamada a falar de fatos históricos precisos e decisivos (Luc. 24:46-48), e definidos como atos divinos que revolucionaram sua própria vida. Não tanto *de posse da Palavra*, mas antes de tudo *possuído pela Palavra*, o autêntico evangelista proclama esses fatos e comprova, por seu próprio exemplo, que eles afetam vidas humanas.



Assim, em sua dinâmica, profecia bíblica e evangelismo têm a ver antes de tudo com os atos salvíficos de Deus. "... De repente agi, e elas se cumpriram.... Certamente, o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o Seu segredo aos Seus servos, os profetas" (Isa. 48:3; Amós 3:7). Em última análise, o segredo de Deus não é outro senão o evangelho, o "mistério guardado em silêncio nos tempos eternos, e que, agora, foi manifesto e dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas..." (Rom. 16:25 e 26). A referência profética ao futuro é própria porque este virá um dia a ser História; e esta é o palco da ação divina aplicando o plano da redenção. A soberania de Deus na História concorre para o elemento preditivo na profecia. "Desde que Deus controla cada coisa e conhece o futuro, seria de fato estranho se a mensagem que Ele dá não revelasse indícios do que está à frente."¹⁷

Razões para pregar

Sete razões básicas nos concitam a pregar sobre profecias como importantes e necessárias:

1. O maior de todos os evangelistas assim o fez. Desde o início de Seu ministério na Galiléia, com as palavras "o tempo está cumprido", "reino de Deus está próximo", "arrependei-vos e crede no evangelho" (Mar. 1:15), Jesus anunciou o que estava escrito "na Lei, nos profetas e nos salmos". Em Seu sermão profético-escatológico, Ele falou, com base nas profecias de Daniel, do que iria acontecer a Jerusalém, exortando os discípulos: "quem lê entenda" (Mat. 24:15).

2. Jesus e Sua obra expiatória formam o conteúdo básico da profecia. Principalmente Mateus e João deixam claro que o Seu ministério terrestre e Sua morte na cruz, seguida pela ressurreição, cumpriram várias profecias. O plano da redenção foi executado segundo a previsão profética. Um estudo mais acurado desse ponto indica, todavia, que a escatologia a ser plenamente cumprida na História é realizada potencialmente em Cristo.

3. Vivemos em tempo solene, porque quase todas as profecias já se cumpriram. As profecias já cumpridas precisam fazer parte do temário evangelístico porque asseguram que o pouco que falta se cumprir será cumprido com exatidão, e logo. Vivemos de fato no

tempo áureo do cumprimento profético; Jesus está para voltar.

4. Pelo estudo profético pode-se ter certeza de que Deus completará na humanidade Sua boa obra de salvação já consumada em Cristo. Daí a importância de uma exposição evangelística das profecias apocalípticas, que se ligam a acontecimentos de importância capital para todos.

5. Profecias são um tema de interesse geral. Contemplando a situação do mundo, muitos sentem "no ar" que alguma coisa fora do comum está por acontecer; mas não sabem exatamente o que é. Muitos estão em pânico sem a mínima noção de onde encontrar solução para os problemas. Estão procurando respostas batendo em portas erradas: Nostradamus, horóscopos, hiperdulia, conceitos da Nova Era, etc. Milhões de

A Igreja tem que comunicar a verdade presente, se realmente deseja cumprir a missão que Deus lhe designou.

evangélicos acreditam no dispensacionismo com suas interpretações distorcidas. Outros, principalmente católicos, se voltam ao preterismo. Todos precisam ser corretamente orientados.

Somos historicistas na interpretação profética. Esse fato deve nos ajudar a conscientizar pessoas que não somos intérpretes arbitrários, que forcem o cumprimento da profecia. Os Reformadores foram historicistas, somos seus legítimos herdeiros, e cumpre a cada adventista do sétimo dia demonstrar não somente que a História confirma o que anunciamos mas, antes de tudo, que deixamos a Bíblia "falar".

6. Em todo o tempo de sua história, a Igreja Adventista do Sétimo Dia reconheceu o valor do estudo e do ensino das profecias. Afinal, seu passado é profético, pois ela surgiu do cumpri-

mento da profecia. Seu presente é profético, pois a missão que cumpre atualmente está esboçada na profecia. Finalmente, seu futuro também é profético, pois Deus a destinou para os "novos Céus e nova Terra".

De fato, o evangelismo autêntico não se limita ao ato de induzir pecadores na experiência de "um encontro com Deus", algo que pode ser tomado muito subjetivamente. É necessário que aceite a Jesus de forma objetiva, isto é, assumindo com Ele um compromisso de lealdade. No contexto desse compromisso, há uma verdade especial para os dias de hoje, conhecida como verdade presente, que eles precisam conhecer e abraçar. A Igreja tem que comunicá-la, se realmente deseja cumprir a missão que Deus lhe designou.

7. Profecia bíblica e evangelismo não se excluem. Equivalem-se. Proclamação profética é proclamação evangelística, e proclamação evangelística é proclamação profética. Jesus aludiu a esse fato quando, após a ressurreição, iluminou o entendimento dos discípulos ao lhes declarar: "... importava se cumprisse tudo o que de Mim está escrito na Lei de Moisés, nos profetas e nos salmos... que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em Seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações..." (Luc. 24:44-47).

Na próxima vez que você pregar numa série de conferências sobre o arrependimento, ou qualquer outro tema do evangelho, lembre-se: você está cumprindo a profecia. 

Referências:

¹ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1968, pág. 423.

² *Dicionário Webster*, 1979, pág. 632.

³ *Ibidem*.

⁴ J. D. Davis, *Dicionário da Bíblia*, 1960, pág. 214.

⁵ "Evangelismo - o que é", H20, setembro de 1986, pág. 19.

⁶ *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 4, pág. 664.

⁷ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), pág. 156.

⁸ *Idem*, pág. 159.

⁹ *Idem*, pág. 160.

¹⁰ Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), pág. 272.

¹¹ _____, *Obreiros Evangélicos*, pág. 159.

¹² _____, *Evangelismo*, pág. 272.

¹³ *Idem*, pág. 190.

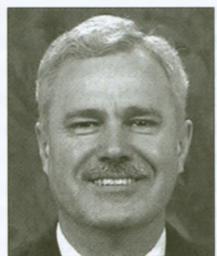
¹⁴ A. MacRae, "Prophets and Prophecy", *The Zondervan Pictorial Encyclopaedia of the Bible*, ed. M. C. Teney (1975), vol. 4, pág. 894.

¹⁵ Elbio Pereyra, "Pregação e ministério profético", *O Ministério Adventista* (Novembro-Dezembro, 1976), pág. 5.

¹⁶ Rubén Pereyra, "Fortalecer os joelhos trementes", *O Ministério Adventista* (Maio-Junho, 1972), pág. 2.

¹⁷ A. MacRae, *Op. Cit.*, pág. 897.

O PROCESSO DA EVANGELIZAÇÃO



RUBÉN R. OTTO

D.Min., professor no Seminário Teológico da Universidade Adventista del Plata, Argentina

Durante as últimas décadas foram cunhadas diversas definições para o termo evangelizar. A declaração de evangelização, formulada na Inglaterra, no ano de 1918, pela Comissão de Arcebispos Anglicanos de Investigação da Tarefa Evangelizadora da Igreja, possivelmente seja a definição mais conhecida.¹ Ela diz: “Evangelizar é apresentar a Jesus Cristo no poder do Espírito Santo, para que os homens depositem sua confiança em Deus mediante Jesus Cristo, aceitando-O como Salvador e servindo-Lhe como Rei na comunhão de Sua Igreja.”²

Uma análise desse conceito permite detectar quatro passos no processo da evangelização. O primeiro é apresentar a Jesus Cristo. O segundo, conseguir que o homem confie em Deus. Terceiro, que aceite Cristo como Salvador; e quarto, que o crente Lhe preste um serviço fiel.

Nesta altura, pode ser útil formularmos uma interrogação: Qual foi a missão que o senhor confiou à Igreja? Essa

Evangelizar não se limita a fazer discípulos e batizar. À conversão segue-se uma vida de aprendizagem e obediência, até que os discípulos sejam feitos conforme a imagem do Senhor

pergunta nos leva a considerar a grande comissão evangélica. Segundo o registro dos quatro evangelhos e do livro de Atos, essa comissão poderia ser sintetizada com as palavras de John Stott: “A ênfase é colocada na pregação, o testemunho e a tarefa de fazer discípulos... muitas pessoas deduzem disso que a missão da Igreja, segundo a especificação do Senhor ressuscitado, constitui uma missão que é exclusivamente pregar, converter e ensinar.”³

As palavras de Stott podem gerar outras perguntas, tais como: Quais são as implicações concretas da missão? Discipular? Batizar? Ensinar? É provável que a resposta espontânea a essas perguntas seja: fazer discípulos. Mas isso gera outra indagação: É o discipular o fim da evangelização, ou é somente uma tarefa no processo da evangelização?

Com frequência tem se afirmado que a missão da Igreja está incluída no aforismo “fazer discípulos”. Para muitos cristãos, parece que a evangelização culmina no momento em que o novo converso ingressa na igreja por meio do batismo. Porém, é realmente assim? Qual é o objetivo último da evangelização? Para obter uma resposta clara e conclusiva é importante compreendermos a missão empreendida por Cristo ao vir ao mundo.

A missão de Cristo

O apóstolo João descreve a missão de Cristo assinalando que “Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele” (João 3:17). A missão concreta de Cristo foi a de salvar o mundo (João 4:42). Não obstante, “a proclamação de Jesus como ‘o Salvador do mundo’ não é uma afirmação de que todos os homens serão salvos automaticamente, mas um convite dirigido a todos os homens a colocarem sua confiança nAquele que deu Sua vida pelos pecados do mundo”.⁴

Desde que o pecado afetou a paz do Éden, quebrando a harmonia reinante, o diabo constituiu-se príncipe deste mundo (João 14:30; I João 5:19). Mas na cruz foi derrotado por Jesus. Paulo declara enfaticamente a vitória de Cristo, na seguinte sentença: “Despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz” (Col. 2:15).

Quando a missão de Cristo é observada dessa ótica, podemos afirmar que o anúncio básico das boas-novas é proclamar Cristo como o Senhor do mundo (I Cor. 8:5 e 6; Fil. 2:9-11; Efés. 1:10, 13 e 14; 2:22; 4:7-16). Nesse sentido, Oscar Cullmann destaca que a confissão de Jesus Cristo como o Senhor (*Kurios*) resume a fé da Igreja primitiva. Isso aponta

para o fato de que Aquele que foi crucificado no passado e que de há vir no futuro exerce hoje o governo de todo o Universo, assentado à destra de Deus.⁵

Segundo D. Burt, a tarefa da evangelização deve coincidir com o objetivo que Deus teve ao enviar Seu Filho ao mundo. O propósito da vinda do Filho de Deus foi caracterizado por um duplo objetivo: um imediato e outro final.⁶ O imediato consistiu em fazer discípulos, “integrando-os à comunidade do povo de Deus para que O adorem e testemunhem de Seu nome, contribuindo assim para o objetivo final de Deus”.⁷ Por outro lado, Burt sustenta que o objetivo final da evangelização consiste em conseguir que os reinos do mundo possam chegar a ser o reino de nosso Senhor e de Seu Cristo (Apoc. 11:15), no qual um povo escolhido ame, adore e proclame as maravilhas de Deus pela eternidade.⁸

A missão dos discípulos

J. L. Dybdahl, em seu livro *Adventist Mission in the 21st Century* (Missão Ad-

ventista no Século 21), destaca que “Jesus enviou Seus discípulos ao mundo da mesma forma que o Pai O enviou ao mundo”.⁹

Na versão joanina da grande comissão, Jesus havia antecipado a missão da Igreja ao pronunciar a oração sacerdotal no cenáculo: “Assim como Tu Me enviaste ao mundo, também Eu os envie ao mundo” (João 17:18). Dias depois, possivelmente no mesmo lugar onde orou por Seus discípulos, logo depois da Sua morte e ressurreição, o Senhor transformou aquela súplica em um mandamento, quando declarou a Seus seguidores: “Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio” (João 20:21).

A grande comissão de Mateus 28 tem como base a autoridade de Cristo. Ademais, no evangelho de Mateus, observa-se que Jesus chama, instrui e envia Seus seguidores.¹⁰ A ordem missionária dada na Galiléia é expressa no original grego com quatro verbos: ir, fazer discípulos, ensinar e batizar. A ação “fazei discípu-

los” é expressa num imperativo¹¹ e as três restantes, com participio.¹²

Disciplinado

Na grande comissão registrada por Mateus, Cristo ordenou aos apóstolos: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado...” (Mat. 28:19 e 20).

John Stott diz que “o propósito de Cristo na grande comissão não se consegue quando apenas temos feito discípulos e os temos batizado. Os conversos devem ser ensinados. Segue-se à conversão toda uma vida de aprendizagem e obediência, até que os discípulos sejam feitos conforme a imagem do Senhor”.¹³

Mais adiante, Stott acrescenta: “Jesus não lançou os Seus somente à tarefa de fazer discípulos. Isso é apenas a primeira etapa da grande comissão. Há mais duas coisas a fazer: batizar e ensinar. O evangelista que deseja ser fiel à



sua vocação deve pensar, portanto, em três coisas fundamentais: primeira, conversões a Cristo; segunda, integração dos conversos em uma igreja local e, terceira, sua instrução em toda ordenança de Cristo.”¹⁴

Poderíamos afirmar que a obra de discipular não é um evento, mas um processo que requer tempo e dedicação. Por outro lado, se discipular é o alvo imediato da grande comissão e de nenhum modo o processo final da evangelização, sobressai então que o propósito final da evangelização é colaborar com Cristo na missão de preparar cidadãos do reino.

A esta altura de nossa análise, pode ser positivo formular algumas perguntas que focalizem a missão de fazer discípulos. Que implicações envolvem o termo discipular? Que é um discípulo? Como se forma um discípulo? A palavra discípulo é definida como uma pessoa que segue os ensinamentos de outra, como aluno ou assistente especial do mestre público.¹⁵ O Novo Testamento não faz distinção entre ser crente e ser discípulo.¹⁶ É oportuno destacar que o nome mais repetido e utilizado para fazer referência aos cristãos é discípulo. Esse vocábulo aparece 261 vezes no Novo Testamento.

O discipulado é um conceito dinâmico que abarca todas as áreas e as idades da vida de uma pessoa.¹⁷ Portanto, alguém que se diz crente sem viver a vida de um discípulo somente serve para entorpecer o testemunho cristão e a vida da Igreja.¹⁸

Batismo

Todos aqueles aos quais o evangelho é proclamado e crêem em Jesus, seguindo-O, se convertem em discípulos. O mandato de Cristo indica que tais pessoas devem ser batizadas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Segundo Mateus, o batismo é administrado aos discípulos (Mat. 28:19). De acordo com Marcos, aos crentes (Mar. 16:15 e 16). Na comissão evangélica de Lucas, o batismo não é mencionado; porém, em Atos, quando o escritor registra as palavras de Pedro, vincula o batismo ao arrependimento e ao perdão dos pecados (Atos 2:38; 3:19), elementos que aparecem em Lucas 24:47.

Os escritores bíblicos também vinculam o ato do batismo com a pregação e o ensino do evangelho. Desse modo,

os discípulos se transformavam em arautos de Cristo.¹⁹ John Stott assinala que a proclamação do arauto deve destacar cinco aspectos importantes:²⁰

- O perdão dos pecados
- O nome de Cristo
- O arrependimento
- A todas as nações
- O poder do Espírito

Somente quem aceite e viva o evangelho poderá desfrutar a experiência de ser batizado em nome da Trindade, para constituir-se um cidadão do reino.

Ensino

D. Burt esclarece que “nossa tarefa evangelística não termina até que tenhamos comunicado... todo ensinamento de Jesus Cristo (Mat. 28:20) e todo o conselho de Deus (Atos 20:27); enquanto o indivíduo não esteja firmemente integrado na comunidade dos crentes, e enquanto não esteja vivendo ativa e poderosamente como discípulo de Jesus Cristo e filho de Deus”.²¹

Com o novo nascimento, a evangelização não termina; apenas começa. É preciso cuidar do novo membro. Esse cuidado inclui, entre outros aspectos, amor e paciência. Porém, também requer velar por alimentação e instrução adequadas. O crente que ingressou na igreja através do batismo é uma criança espiritual que requer atenção individual e nutrição adequada.

W. Moore expressa que “as igrejas que põem ênfase excessiva nos batismos e nos programas, ou indevido interesse pela qualidade dos membros, devem considerar o mandamento de Cristo de fazer discípulos. A salvação das almas e a formação de discípulos estão inseparavelmente unidas nas Escrituras”.²²

Instrução pós-batistal

Uma pesquisa envolvendo Argentina, Paraguai e Uruguai, com uma amostra de 840 membros e ex-membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia,²³ revelou que os ex-membros não abandonaram a Igreja por falta de instrução bíblica doutrinária pré-batistal. Em contrapartida, ao avaliar a instrução pós-batistal, o estudo indicou que a deficiência nesse tipo de instrução é um fator importante de perda de membros. Isso sublinha a necessidade imperiosa de estabelecer uma estratégia baseada no conceito paulino de Efésios 4:11-16.

O *Comentário Bíblico Adventista del*

Séptimo Dia destaca com acerto uma fase nevrálgica da grande comissão: o ensino. “É tão importante ensinar as pessoas que observem o que Cristo ordenou, como o é batizar.... Por isso, a instrução é de vital importância, tanto antes como depois do batismo.”²⁴

Nas Escrituras, encontramos declarações apoiando que o anúncio do evangelho está direcionado não só a quem se encontra fora, mas também a quem faz parte dele. Na introdução da carta aos romanos, o apóstolo Paulo afirma: “Por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma” (Rom. 1:15). Quem são essas pessoas de Roma as quais Paulo deseja evangelizar? Em sua saudação, ele se refere a elas como sendo “chamados para serdes santos”. Isso indica que a evangelização não é uma tarefa que termina no batismo, mas um processo amplo, pré e pós-batistal.

Em algumas campanhas, Paulo e Barnabé investiram vários meses no processo da evangelização pós-batistal. Por exemplo, a experiência de Atos 11, quando se congregaram na cidade de Antioquia durante um ano “e ensinaram numerosa multidão” (Atos 11:26).

A evangelização em sua fase pós-batistal é basicamente circunscrita à tarefa de capacitar os santos para a obra do ministério (Efés. 4:11-16). O apóstolo Paulo expõe com nitidez esse processo. Indica que o Espírito Santo concedeu dons aos homens e desse modo constituiu líderes para o trabalho de capacitar os membros “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Efés. 4:12-15).

Discípulo eficiente

Nesse enunciado, Paulo alude a conceitos básicos do discipulado que permitem enumerar as seguintes conclusões:

1. O discipulado velará por uma sã instrução doutrinária. Nenhum planeja-



Cristo; e Ele reinará pelos séculos dos séculos (Apoc. 1:15).

Conclui-se que a evangelização é um processo, desde a perspectiva do significado etimológico do termo, como também do ponto de vista histórico do fato que se anuncia. A evangelização é um processo mediante o qual se proclama Jesus Cristo como Salvador do mundo com o propósito de que os homens confiem nEle, O aceitem e O sirvam. Os discípulos, orientados por Jesus e capacitados pelo Espírito Santo, serão protagonistas na missão de estabelecer o reino de Deus na Terra. 

Referências:

¹ John Strot, *La Misión Cristiana Hoy* (Buenos Aires: Ediciones Certeza, 1977), pág. 51
² D. Watson, *Creo en la Evangelización* (Miami: Editorial Caribe, 1976), pág. 29.

³ John Strot, *Op. Cit.*, pág. 27.
⁴ R. Padilla, *Misión Integral: Ensayos Sobre el Reino y la Iglesia* (Grand Rapids: Eerdmans, 1986), pág. 5.

⁵ Oscar Cullmann, *Cristologia del Nuevo Testamento* (Buenos Aires: Methopress, 1965), pág. 237.

⁶ D. Burt, *Manual de Evangelización Para el Siglo XXI* (Barcelona: CLIE, 1999), pág. 27.

⁷ *Ibidem.*
⁸ *Ibidem.*

⁹ J. L. Dybdahl, *Adventist Mission in the 21st Century* (Review and Herald: Hagerstown, 1999), pág. 80.

¹⁰ M. J. Wilkins, *The Concept of Disciple in Matthew's Gospel as Reflected in the Use of the Term Mathetes* (Tese de Doutorado: Seminário Teológico Fuller, 1990), pág. 8.

¹¹ H. E. Dana e J. R. Mantey, *Gramática Griega del Nuevo Testamento* (El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1977), pág. 294.

¹² *Idem*, pág. 50.

¹³ John Strot, *La Evangelización y la Biblia* (Barcelona: Ediciones Evangélicas Europeas, 1969), pág. 34.

¹⁴ *Idem*, pág. 36.

¹⁵ S. H. Horn, *Diccionario Bíblico Adventista del Séptimo Día* (Buenos Aires: ACES, 1995), pág. 334.

¹⁶ D. Burt, *Op. Cit.*, pág. 27.

¹⁷ *Idem*, pág. 23.

¹⁸ *Idem*, pág. 27.

¹⁹ John Strot, *La Evangelización*, pág. 41.

²⁰ *Idem*, págs. 41-43.

²¹ D. Burt, *Op. Cit.*, pág. 27.

²² W. Moore, *Multiplicación de Discípulos: Um Método Para o Crescimento de la Iglesia* (El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1988), pág. 27.

²³ Rubén Otto, *Uma aproximación al Estudio de Factores Percibidos Como Asociados al Abandono de la Iglesia Adventista del Séptimo Día, Por Parte de Algunos de Seus Miembros en Argentina, Paraguay e Uruguay*, (Tese de doutorado: Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, 2000), págs. 261-264.

²⁴ *Comentario Bíblico Adventista del Séptimo Día*, vol. 5, pág. 545.

²⁵ K. Hemphill, *El Modo de Antioquia: Características de una Iglesia Efévia* (El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1996), pág. 197.

²⁶ *Idem*, pág. 198.

²⁷ *Ibidem.*

²⁸ *Idem*, pág. 199.

²⁹ *Idem*, pág. 202.

³⁰ *Idem*, pág. 203.

mento eclesiástico para discipular será completo se não contar com um saudável programa de instrução doutrinária.²⁵

2. O discipulado velará pela disciplina eclesiástica. Outra faceta do processo da evangelização relacionada com o discipulado é a disciplina. Hemphill afirma: “Se você segue as normas bíblicas, responde imediato às medidas de disciplina apropriadas, provê instrução corretiva, demonstra a genuína compaixão e observará bom desenvolvimento também entre os crentes. O não disciplinar leva somente ao enfraquecimento da Igreja. Se permitir que o comportamento doentio e antibíblico continue dentro da igreja, sem fazer algo a respeito, destruirá a sua unidade e pureza, e assim tornará ineficaz o seu testemunho na comunidade.”²⁶

3. O discipulado velará pela atenção pessoal. “O cuidado pastoral dos crentes que estão se desenvolvendo continua edificando as convicções de ‘eu pertencço’ e ‘sou amado’.”²⁷

4. O discipulado velará pela motivação para o serviço. “Temos que desafiar os cristãos que estão em processo de amadurecimento a passar à maturidade doutrinária à medida que encontram seus postos de serviço.”²⁸

5. O discipulado capacitará os membros. “A meta de cada crente deve ser não apenas estar envolvido no ministério, mas também estar envolvido no treinamento de outros para ser ministros.”²⁹

6. O discipulado velará pela reprodução mediante o discipular. “Quando a Igreja leva a sério o compromisso do discipulado reprodutivo, o potencial para o crescimento chega a ser explosivo no sentido matemático.”³⁰ Desse modo, a Igreja assegurará seu crescimento não apenas na geração presente, mas também nas vindouras.

Estabelecimento do reino

Jesus relacionou a evangelização do mundo com o estabelecimento do reino de Deus. “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mat 24:14). Quando for concluída a proclamação do primeiro anjo de Apocalipse 14 e o trabalho do sétimo anjo de Apocalipse 11, multidões de todas as nações adorarão o Criador dos Céus e da Terra. Então prorromperão em cânticos porque os reinos do mundo finalmente terão vindo a ser de nosso Senhor e de Seu

A SÍNDROME DO SUPER-HOMEM



STEPHEN LIM

*D.Min., professor de liderança
no Seminário Teológico de Springfield,
Missouri, Estados Unidos*

Quando os pneus do meu carro derramaram e saíram da estrada, o solavanco me despertou e eu vi uma grande árvore impedindo a passagem. Pisei forte no freio enquanto o automóvel se espatifava na árvore. Depois, saindo dos destroços, agradei a Deus por Ele me haver protegido de danos mais sérios e até mesmo da morte.

O compromisso que eu tinha acabado de atender levou-me a sofrer aquele acidente. Por anos eu tinha programado o despertador para tocar às 4h50 da manhã. Então me levantava da cama e me vestia. Às 5h00, já estava sentado no meu escritório para a devoção pessoal e, em seguida, trabalhava por algumas horas. Com certa frequência, minha mente não conseguia engajar no trabalho e o tempo passava de modo improdutivo.

Eu me havia convencido de que poderia funcionar bem, após desfrutar apenas seis horas de sono. Depois de tudo, como um pastor com muitas responsabilidades, por que não poderia fazer mais dormindo menos? Não raro, durante o dia, eu me sentia sonolento,

A nutrição do relacionamento com Deus é prioritária. Ele não é somente a fonte de nossa alegria e força, mas o único meio pelo qual a vida espiritual frutifica

preguiçoso. Raramente eu trabalhava com efetividade. E, ocasionalmente, enquanto dirigia, também cochilava.

Agora eu compreendo que muito dessa situação era sintomático da síndrome de super-homem. Essa aflição comum entre os pastores consiste na falha em reconhecer nossas necessidades humanas e limitações, enquanto procuramos preencher as necessidades de outras pessoas. Acreditamos ser urgente satisfazer as necessidades dos membros e da Igreja. Afinal, o mundo está em perigo e temos de fazer tudo para salvar o máximo de pessoas. Estamos sempre apressados. Ironicamente, cumprimos menos do que se tivéssemos aceito nossa humanidade.

Durante anos eu não reconheci os sintomas da síndrome do super-homem em minha vida diária. Embora meus motivos parecessem nobres, aprendi que outras forças escondiam-se debaixo da sua superfície.

Quais são os sintomas, as consequências e as causas dessa síndrome? E o que podemos fazer para superá-la?

Sintomas

Um sintoma básico é o desejo de fazer todo mundo feliz. Nós queremos viver de acordo com a imagem e as expectativas das pessoas, embora isso seja irreal. Lutamos para satisfazer todas as

suas necessidades e achamos difícil dizer “não” a algum pedido.

Em nossa mente, talvez criamos e fazemos tudo para manter uma imagem de heróicos solucionadores de problemas. Vemo-nos como indivíduos extraordinários, talvez um pouco messiânicos, menos vulneráveis às próprias necessidades pessoais do que outras pessoas. Tirar uma pessoa dos seus apuros contribui para que nos sintamos bem conosco.

Em nossa compulsão para preencher toda necessidade da congregação, nosso tempo é progressivamente espremido até não restar lugar para outra coisa senão o trabalho. Gradualmente descartamos as necessidades que todo ser humano normal possui. Achamos que podemos desconsiderá-las. Reprimimos nossas necessidades de repouso adequado, lazer, renovação espiritual e crescimento pessoal. Tomar tempo para admirar uma bela paisagem é uma luxúria com que raramente condescendemos. Enganamo-nos a nós mesmos pensando que não necessitamos de nutrição. E, ao negar nossa humanidade, vivemos atrás da máscara da auto-suficiência.

Além disso, escondemos nosso verdadeiro eu, temendo que nossas fraquezas e lutas sejam descobertas. A frustração também ocorre quando desapontamos algumas pessoas. Simplesmente não podemos satisfazer todas as suas ex-

pectativas, especialmente quando elas estão em conflito. Nem podemos ser o indivíduo perfeito que lutamos para conseguir ser. Apesar dos nossos melhores esforços, um senso de hipocrisia e culpa se introduz. Nosso senso de incapacidade apenas acrescenta frustração.

Conseqüências

Que conseqüências resultam da síndrome do super-homem? Com o crescimento das expectativas e demandas, surge a fadiga. Foi por isso que bati com o meu carro na árvore. Em outra ocasião, senti náuseas e fraqueza, durante dias, enquanto meu corpo rebelava-se contra as demandas colocadas sobre ele.

Em nossa fadiga e frustração, começamos a nos indignar com aqueles aos quais ajudamos. Enquanto eles se tornam um fardo que nós penosamente carregamos, a alegria foge do nosso coração e é substituída pela ira.

Sepultados nas demandas e necessidades humanas, falhamos em manter a saúde espiritual através da comunhão com Deus. Gradualmente perdemos o agudo senso do chamado divino e da energia espiritual que ele inspira. Embora exteriormente pareçamos ser efetivos, espiritualmente somos secos e áridos.

O desânimo emocional resulta de gastarmos nossas reservas interiores sem reabastecer-nos espiritual e pessoalmente. Também brota de nossa inabilidade para corresponder à imagem de super-homem. Finalmente, negligenciamos a família. Na teoria, sabemos que ela é nosso primeiro, maior e mais importante campo missionário; mas, na prática, falhamos em viver esse ideal. Ao tentar satisfazer as necessidades e expectativas de outras pessoas, não temos tempo adequado para a família. “Ela vai compreender”, repetidamente racionalizamos. “Um dia quando meus compromissos forem menores, vou atendê-la.” Isso pode eventualmente levar à sua alienação de nós e mesmo de Deus. Meu problema contribuiu para que minha filha mais velha tivesse uma difícil adolescência.

O porquê

Embora a importância e urgência das tarefas comissionadas por Deus servissem como minha motivação consciente e racional, gradualmente compreendi que quatro forças inconscientes e poderosas trabalhavam formando meu comportamento. Se forte o bastante, apenas

uma delas pode disparar o gatilho da síndrome do super-homem.

A primeira dessas forças é a baixa auto-estima que eu tinha sofrido desde jovem. Ela cria uma necessidade aguda de aprovação, de modo que eu buscava aceitação e apreciação da parte de outros, querendo que eles me vissem como o herói que os resgatou. Esse senso de inferioridade dirigiu-me a lutar por sucesso a fim de provar a mim mesmo que eu tinha valor como pessoa. Desafortunadamente, o anestésico da conquista nublou a dor apenas temporariamente, antes que eu necessitasse uma outra dose. Na verdade, então, meu desejo para ser um super-homem brotou do sentimento de ser um homem abaixo da média.

A segunda força envolve o fato de que podemos ter uma teologia errônea que nos leva a crer que os servos de Deus não devem considerar suas próprias necessidades e seus desejos ou, pelo menos, devem colocá-los bem abaixo na lista de prioridades. Atender esses desejos, pensamos, é egoísmo. Nesse tipo de teologia, a bela realidade da morte do eu acaba sendo nossa assassina.

Compondo a síndrome está nosso legítimo desejo por significado, erradamente possuído. Deus nos criou para amá-Lo, obedecê-Lo e servi-Lo de acordo com os nossos dons, oportunidades e chamado. Nisso encontramos nosso mais alto propósito e realização, especialmente se fazemos o melhor e deixamos os resultados nas mãos de Deus. Como em meu caso, o problema surge quando igualamos significado com conquista exterior. Eu erradamente pensava que quanto mais trabalhasse para Deus, mais valiosa seria a minha vida.

Finalmente, em alguns casos de síndrome de super-homem, uma força mais sutil é o temor de dependência, que resulta de muitas condições da infância. Alguns tiveram pais supercontroladores e superprotetores, como eu. Quando adultos, sentimos medo que a dependência de outros nos leve a sufocar o nosso espírito. Assim, decidimos que não necessitamos ser nutridos por outros.

Tirando a capa

Tentar ser mais do que nós somos resulta em ser menos do que poderíamos ser. Como podemos ter uma vida mais

equilibrada que honre a Deus? Com Sua ajuda, podemos dar os seguintes passos e remover a capa.

Primeiro, necessitamos reconhecer nossa necessidade humana. Como todas as pessoas, também ficamos cansados, frustrados e feridos. Necessitamos refrescar e renovar a mente, o corpo e o espírito. Como líderes sob especial estresse, necessitamos de amor, apoio e encorajamento da família e dos amigos. Se temos dificuldades em buscar ou aceitar isso, necessitamos descobrir a razão.

Segundo, devemos fazer prioritária a nutrição de nosso relacionamento com Deus. Ele não é apenas a fonte de nossa alegria e força, mas o único meio de nossa vida espiritual frutificar. “Eu sou a videira”, disse Jesus, “vós, os ramos. Quem permanece em Mim, e Eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer.” (João 15:5).

Terceiro, necessitamos revelar nossa humanidade a outros. Bill Hybels, pastor de uma megagregoria, tem tentado ser aberto com seus oficiais e sua congregação, eliminando qualquer idéia de perfeição. Tal comportamento habilita outros a se identificarem conosco, dá-nos mais credibilidade e aumenta a efetividade do nosso ministério.

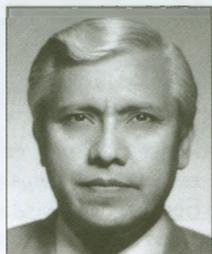
Quarto, necessitamos conscientemente fazer nosso melhor e deixar os resultados com Deus. Um dos meus professores no seminário partilhou sua experiência de aconselhamento a uma mulher suicida tarde da noite: “Eu preciso dormir e vou para casa. Se você ainda estiver viva, conversaremos mais amanhã”, disse ele à mulher. Era um pastor insensível? Não. Apenas compreendia que tinha feito tudo o que era possível para ajudar a mulher, e que não estava ali para resolver todos os problemas. A mulher sobreviveu.

Embora surjam emergências que demandam horas exaustivas, isso não pode se tornar um padrão no ministério. É quando equilíbrio o trabalho com adequado repouso que me encontro mais produtivo e mais criativo. Faço mais, melhor, e com mais alegria.

Quinto, necessitamos praticar o que pregamos – que Deus está no controle da nossa vida. Devemos servir fielmente, crendo que não somos nós, mas Deus quem prosperará nosso ministério da maneira que Ele escolher (I Cor. 3:6-8).



VISÃO DE DEUS



Divulgação

ANTÔNIO ESTRADA MIRANDA

Ph.D., professor no Centro Universitário Adventista, Engenheiro Coelho, SP, Brasil

Você que foi nomeado para alguma função, indicado ou transferido para um distrito, qual é a sua maior necessidade? Quais são os desafios que enfrenta? Como está o nível espiritual dos membros da congregação e das pessoas as quais lidera? Que dizer da sociedade por cuja evangelização você é responsável? É receptiva? Tem interesse ou é indiferente às coisas espirituais?

Dependendo das respostas a essas perguntas, é possível que alguns sintam desânimo e desejo de renunciar. Muitas igrejas não têm recursos para evangelizar, têm o nível espiritual pobre e limitada participação dos seus membros. Além disso, observa-se, na sociedade, aumento da imoralidade e rejeição dos princípios cristãos. A injustiça social desanima a muitos, o abuso do poder aumenta e o desespero se apodera do povo.

Em tal contexto, é difícil cumprir a missão de Cristo; mas a maior necessidade nesse sentido não é de mais recursos ou métodos de mobilização. Sua maior necessidade é ter uma visão de Deus.

Isaías 6:1-8

Nos dias do profeta Isaías, as condições não eram muito diferentes das atuais. De acordo com o livro *Profetas e*

A convicção de que servimos a um Deus santo nos lembrará nossa necessidade diária de santidade

Reis, a condição moral e social era preocupante e desesperadora. O rico enriquecia-se cada vez mais e os pobres eram mais pobres. Magistrados e governantes se dedicavam aos prazeres e lucros pessoais. A condição moral da sociedade chegava a níveis baixíssimos. Entre o povo escolhido, muitos abandonaram o culto ao verdadeiro Deus e se entregavam à idolatria. Outros apenas mantinham as formas exteriores da sua religião. A decadência espiritual era notável.

Quando tais condições dominavam, Isaías foi chamado em sua juventude ao cargo de profeta. Que futuro o aguardava? Como poderia ter êxito em sua missão? Que poderia fazer para evitar o desânimo? O profeta fez justamente o que hoje precisamos fazer: foi ao templo para orar. Expôs diante do Senhor seus temores e ansiedades. Buscou força e resposta em Deus.

A majestade divina (vs. 1 e 2)

Durante os quase 60 anos de ministério profético, Isaías foi fortalecido por essa visão do Onipotente. Nem a friidez nem a indiferença do povo, muito menos as ameaças ou desprezo dos governantes, nem o aparente fracasso, nem os poucos resultados desanimaram o profeta. A visão de Deus o sustentou em todo momento.

A visão da majestade de Deus o capacitou para enfrentar os obstáculos, as carências e os impossíveis. Os poderes terrestres não podem deter a Obra de

Deus. Embora por algum tempo esses poderes exerçam forte oposição, não irão prevalecer. Deus é soberano. O profeta sabia que o Senhor estava ao leme. Por que desanimar?

A santidade divina (v. 3)

O profeta não viu apenas a majestade e o poder de Deus. Teve uma visão da Sua santidade. Não somente viu que a majestade rodeava o trono, mas que ele também estava envolvido pela santidade. Ouviu os serafins se referirem a Deus como “santo, santo, santo”.

A visão da santidade de Deus capacitou Isaías para não perder a sensibilidade para o pecado e a injustiça. Saber que foi um Deus “santo, santo, santo” que o chamou, colocava-o sob a obrigação de desejar e buscar essa experiência de santidade. Saber que servia a um Deus “santo, santo, santo” o levava a buscar métodos de trabalho que se harmonizassem com a santidade da Obra. Sabia que o servo de um Deus “santo, santo, santo” deve também ser santo, realizar a Obra em santidade e usar métodos que o Senhor aprova.

Essa visão da santidade de Deus influenciou o ministério do profeta Isaías. Em seu livro, ele se refere a Deus como o Santo de Israel (Isa. 12:6; 41:14). Fala do caminho de santidade que conduz à cidade de Deus (35:8).

Autoconhecimento (v. 5)

“Contemplando Isaías esta revelação da glória e majestade de seu Se-



nhor, sentiu-se oprimido com o senso da pureza e santidade de Deus. Quão saliente o contraste entre a incomparável perfeição de seu Criador, e a conduta pecaminosa dos que, como ele, havia muito foram contados entre o povo escolhido de Israel e Judá.” – *Profetas e Reis*, pág. 307.

Só uma visão da santidade de Deus nos permite ver nossa indignidade e imperfeições. Sem a visão dAquele que é “santo, santo santo”, os laodicenses pensam a respeito de si mesmos como sendo ricos e sem necessidade alguma. Sem a visão da santidade de Deus, nos sentimos muito cômodos e tranqüilos. Veremos a Igreja bem e sem nenhuma necessidade. Mas com a visão do Onipotente e Santo, nos veremos miseráveis, cegos e nus. E, como o profeta, exclamaremos: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!”

Mas esta visão da nossa indignidade não é para gerar uma consciência culpada pelo resto da vida. Não precisamos viver atormentados lembrando nossas misérias. Pelo contrário, ela deve nos levar a sentir a grande necessidade de ser transformados. A visão do Santo produz em nós o desejo de ser tal como Ele é.

Transformação necessária

Somente estando na presença de um Deus santo e onipotente é que a vida do pecador pode ser transformada. Essa transformação não acontece antes de sentirmos nossa indignidade e nossa grande necessidade. Também não acontece antes de percebermos a grandeza e a santidade do Deus a quem ser-

vimos e adoramos. A palavra “então”, no verso cinco, quer dizer que o reconhecimento da própria indignidade pelo profeta ocorreu depois de ter ele a visão do Santo. Quando Isaías reconheceu sua indignidade em contraste com a santidade de Deus, *então* um serafim foi enviado para tocar os seus lábios com a brasa viva.

Nenhum pregador deve ir falar de um Deus santo, se ainda não teve uma visão dEle. Ninguém deve ir pregar um Deus santo, se ainda não foi tocado pela brasa viva. O pregador que realiza uma obra santa e fala de um Deus santo deve sentir a necessidade urgente de transformação da sua vida.

O chamado (v. 8)

“Depois disto ouvi a voz do Senhor...” O chamado não ocorre antes, mas *depois*. O encargo de falar ao povo em nome de Deus não acontece antes de o instrumento divino ter uma visão da Sua majestade e santidade; não acontece antes de ser ele tocado com a brasa viva. É *depois*. Somente estaremos prontos para dizer: “Eis-me aqui, envie-me a mim”, depois de termos uma visão da majestade e santidade de Deus, e ter a vida tocada pela brasa viva. Tomar qualquer iniciativa antes é presunção.

Foi essa experiência que preparou o jovem profeta para um longo ministério, para enfrentar provas e carências, desânimo e oposição. Capacitou-o para enfrentar tanto a imoralidade como a adversidade.

“Esta garantia do cumprimento final do propósito de Deus levou coragem ao coração de Isaías. Que importava que poderes terrestres se arregentassem contra Judá? Que importava que o

mensageiro do Senhor enfrentasse oposição e resistência? Isaías tinha visto o Rei, o Senhor dos Exércitos; ouviu o cântico dos serafins: ‘Toda a Terra está cheia de Sua glória’ (Isa. 6:3); ele tivera a promessa de que as mensagens de Jeová ao apostatado Judá seriam acompanhadas pelo convincente poder do Espírito Santo; e o profeta foi revigorado para a obra que tinha diante de si. Através de sua longa e árdua missão, levou consigo a lembrança desta visão. Durante sessenta anos ou mais ele permaneceu diante dos filhos de Judá como um profeta de esperança, tornando-se cada vez mais ousado em suas predições do futuro triunfo da igreja.” – *Profetas e Reis*, pág. 310.

Necessidade atual

Os pregadores do terceiro milênio, que enfrentam grandes desafios, também precisam ter uma visão do Santo e Onipotente. Essa visão nos capacitará para cumprir a missão a nós confiada por Deus. A visão do Santo e Onipotente nos ajudará contra o desânimo. A convicção de que servimos a um Deus santo nos guardará de introduzir em nosso ministério fogo estranho; nos guardará também de nos sentirmos donos da Obra e proceder de acordo com nossas fantasias. Ter uma visão do Onipotente nos lembrará nossa necessidade diária de santidade.

Nesta hora final da História, Deus ainda precisa de obreiros que O sirvam. Mas nem todos podem ir e pregar. Quem deve ir então? Aqueles que foram chamados, transformados, e que tiveram uma visão do Onipotente. Você já teve essa experiência? Busque-a em oração.



O LÍDER E A CRÍTICA



EDVAN JORGE COSTA

*Ancião da igreja da Liberdade,
em Boa Vista, Roraima, Brasil*

O líder cristão é uma pessoa que, deixando de lado os interesses próprios, trabalha com um ideal de serviço. “Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir”, foi o ensinamento de Cristo (Mar. 10:43-45).

“Os homens a quem o Senhor chama para ocuparem em Sua obra cargos importantes, devem cultivar humilde confiança nEle. Não devem buscar enfeixar em mãos demasiada autoridade; porque Deus não os chamou para dominarem, mas para estabelecerem planos e aconselharem-se com os coobreiros.”¹

Ser um líder cristão segundo esse modelo, nos dias de hoje, é um desafio. Na verdade, em todas as épocas a liderança cristã sempre foi recheada de desafios. E, como se não bastassem os desafios da própria natureza de sua atividade, o líder cristão ainda tem de estar preparado para lidar com a crítica, quando se apresenta de forma destrutiva, feroz, mordaz, venenosa e mortífera.

Algum tempo atrás, enquanto lia sobre esse assunto, encontrei algo muito interessante que me chamou a atenção e que desejo partilhar com você, leitor. O que passo a transcrever foi legado pelo Pastor Robert H. Pierson, falecido

“Aquele que deseja êxito não deve temer a crítica. O medo à crítica é o beijo da morte no romance da realização”

ex-presidente da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

“Se você é um líder de valor, prepare-se para ser criticado. Você não pode agradar a todos durante todo o tempo. Algumas críticas serão diretas, faladas em um espírito de bondade. Esse tipo nos ajuda. Frequentemente, contudo, observações desagradáveis serão ditas pelas nossas costas e possivelmente serão prejudiciais. ‘Nada é mais fácil que criticar destrutivamente’, disse um autor desconhecido, acrescentando que ‘não se necessita talento, nem abnegação, nem inteligência, nem caráter para se dedicar aos negócios dos murmuradores.’

‘Jesus, que era Homem-Deus, também foi alvo de severo criticismo. ‘Veio o Filho do homem, comendo e bebendo, e dizem: Eis aí um homem comilão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores’ (Mat. 11:19). O testemunho de Cristo sobre João Batista foi: ‘Entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista’ (Mat. 11:11).

“Porventura todos os que entraram em contato com João Batista falaram de sua vida virtuosa? Certamente que não. ‘Tem demônio’ (Mat. 11:18), escarneciam alguns. Agora, se o perfeito Jesus e o quase perfeito João tiveram que suportar a crítica, você e eu não podemos escapar. Como líderes cristãos, devemos saber como enfrentar a crítica. Como fazê-lo?

Não a descarte

“Algumas vezes a crítica pode originar-se com indivíduos que não nos

querem bem. Que fazer então? Ouvir mais! Pergunte-se com franqueza: ‘Há alguma verdade no que esta pessoa está dizendo? Pode uma experiência desagradável ensinar-me uma lição?’

“Anos atrás, ouvi este condensado sermão de um pregador desconhecido: ‘Você será sábio se fizer com que os seus críticos sejam guardadores de sua alma.’ Esse conselho tem me ajudado por muitas vezes, o que equivale a dizer: Não descarte a crítica tão apressadamente.

Não se perturbe

“George Moor disse certa vez que o pastor ou líder cristão deveria ter a ‘paciência de um burro, a mansidão de um cordeiro e a pele de um rinoceronte’. O salmista diz a mesma coisa numa linguagem mais bonita: ‘Grande paz têm os que amam a Tua lei; para eles não há tropeço’ (Sal. 119:165). A crítica machuca, ofende, irrita e contribui para o desenvolvimento de úlceras. Mas o líder cristão tem acesso a uma fonte de fortaleza que suaviza a dor, ameniza a ofensa, acalma a ira e impede as úlceras. Essa fonte é Cristo. Amor a Ele e à Sua lei pode manter-nos em perfeita paz, mesmo debaixo do mais acérrimo criticismo.

“Jesus é o nosso exemplo. ‘Se Ele, que penetrava nos corações, suportava quem bem sabia que O havia de trair, com que paciência não deveríamos nós suportar os que estão em falta?’² ‘O homem mais forte é aquele que, embora sensível ao abuso, refreará a paixão e perdoará seus inimigos. Tais homens são verdadeiros

heróis.³ Quando a crítica vem, como inevitavelmente acontece, não se deixe perturbar. Seja um dos heróis de Deus.

Receba-a com bondade

“Alguns anos atrás, um famoso educador pronunciou palavras duras contra um clérigo que era célebre como ele. Os jornalistas, pressentindo uma boa notícia, correram para o escritório do pastor. Estavam certos de que sua língua inteligente daria réplica à altura. Ficaram desapontados.

“Professor Blank é um eminente homem”, declarou o clérigo, após ouvir o que o contemporâneo erudito havia dito acerca dele. “Respeito seu julgamento. Talvez eu devesse examinar a minha mensagem e meus métodos; e se encontrar algum erro, farei o melhor para corrigi-lo.” Os repórteres ficaram assombrados. Foram presenciar uma batalha. Em vez disso encontraram um homem sereno, de fala bondosa para com os seus críticos.

“Essa é a maneira como a Bíblia enfrenta o criticismo. Não advertiu o apóstolo Paulo ao romanos a que agissem com bondade para com os acusadores – ‘fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça’? E não aconselhou mais ainda para vencer o mal com o bem (Rom. 12:19 e 20)?

Fale bem do seu crítico

“Aconselhar um líder a falar bem do seu crítico, à primeira vista, parece um absoluto contra-senso. Mas foi justamente o que Jesus ensinou e fez: ‘Orai pelos que vos perseguem’ (Mat. 5:44), disse o Salvador no sermão do monte.

“Qualquer crítico ficará surpreso com estas palavras de bondade: ‘Cultivai o hábito de falar bem do próximo. Detende-vos sobre as boas qualidades daqueles com quem estais associados, e olhai o menos possível para seus erros e fraquezas. Quando sois tentados a queixar-vos do que alguém disse ou fez, louvai alguma coisa na vida ou caráter dessa pessoa’, aconselha Ellen White.⁴ E o apóstolo Tiago nos lembra: ‘Não vos queixeis uns dos outros, para não serdes julgados’ (Tia. 5:9). Por que não surpreender e silenciar os críticos falando bem deles?

“Jesus sabia qual era o método eficaz para tratar com Seus perseguidores. Orava por eles (Luc. 23:34). Aconselha-nos a fazer o mesmo (Mat. 5:44). O poder de Deus tem transformado mais de um crítico em sólido defensor. Na próxima vez que for criticado pelas pessoas, lembre-se de orar por elas.

Não se deixe deter

“O filósofo alemão Goethe, disse uma vez: ‘Uma pessoa não se pode proteger nem defender da crítica. Deve continuar agindo a despeito dela, e a crítica desaparecerá gradualmente.’ Bom conselho, não é? Deve agir a despeito dela.

“Depois que um líder ouviu a crítica, depois que ele a pesou cuidadosamente, considerou a sua fonte e está claro que a censura é sem base, ele deve seguir em frente. Não deve retirar-se abatido. Deve continuar fazendo o seu melhor possível, apesar da crítica. Escreveu um colunista de reputação nacional: ‘Aquele que deseja êxito não deve temer a crítica. O medo à crítica é o beijo da morte no romance da realização.’⁵

“Não deixe que a crítica o detenha. Os líderes têm que agir a despeito dos conselhos espinhosos que vêm ao seu encontro.

Esqueça-a

“A melhor maneira para um líder tratar com a maioria das críticas é ignorá-las. Caso se detenha para ficar discutindo com toda crítica não fará nenhuma coisa mais.

“Foi Abraham Lincoln que disse uma vez: ‘Se tentasse ler, quanto mais responder, todo o criticismo feito e todos os ataques dirigidos contra mim, este gabinete estaria fechado para todos os demais negócios.’ Esse grande presidente norte-americano continuou a descrever como enfrentar a crítica. Vale a pena para qualquer líder ler com frequência as suas palavras: ‘Eu faço o melhor que sei, o melhor que posso. Continuarei fazendo assim até o fim. Se o fim mostrar-me que estava errado, mesmo que dez anjos jurassem que eu estava certo, nada vai fazer diferença. Se o fim mostrar-me que tudo estava correto, então, o que agora se diz contra mim não significará nada.’

Entregue-se a Deus

“Depois de tudo ‘Deus julgará’ (Rom. 2:16). Naturalmente, como um líder cristão, devo preocupar-me com as atitudes daqueles que me cercam; mas no fim, como disse Paulo, ‘quem me julga é o Senhor’ (I Cor. 4:4). A nossa mais cobiçada recompensa deveria ser: ‘Muito bem, servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor’ (Mat. 25:21). Quando honestamente com oração temos feito o nosso melhor, podemos deixar o resto com Deus.

“Falando de Deus como juiz, estou lembrando que Ele trata eficazmente com nossos críticos. Preste atenção

nestas palavras inspiradas: ‘Todo aquele que se tem sentido na liberdade de condenar ou levar outros ao desânimo será em sua própria vida levado a passar pela experiência por que fez outros passarem; sentirá aquilo que eles sofreram devido à sua falta de compassiva compreensão e ternura.’⁶

“Tenho visto, e você também, homens que não têm respeitado a seus irmãos. Eles têm criticado duramente. Logo Deus intervém, e eles foram colocados no mesmo caminho cruel em que fizeram outros andar. Aprenderam demasiadamente tarde o que significa esfregar sal em feridas abertas.

Livre-se da armadilha

“Olhei para meu irmão”, escreve Bolton Hall, ‘com o microscópio da crítica, e disse: Quão áspero é meu irmão. Olhei-o com o telescópio do desprezo e disse: Quão pequeno é meu irmão! Então olhei no espelho da verdade e disse: Como parece comigo o meu irmão!’

“Enquanto procuramos enfrentar com êxito a crítica, não vamos cair nós mesmos na armadilha do diabo e criticarmos os que estão ao nosso redor. ‘Não vos queixeis uns dos outros’, disse o apóstolo Tiago. ‘Irmãos, não faleis mal uns dos outros’ (Tia. 4:11). ‘Os trabalhadores ativos não têm tempo de se ocupar com as faltas do próximo. As faltas e fraquezas dos outros não fornecem alimento para a nossa vida.’⁷

“Líderes cristãos ‘não podem debilitar sua própria influência e posição mais do que quando tentam enfraquecer um ao outro’.⁸ Um líder é forte somente quando pode aceitar a crítica sabiamente e quando, através da graça de Deus, exerce domínio de si mesmo e resiste a toda tentação para criticar.”

Que o Espírito Santo de Deus possa nos tornar sábios para que tenhamos a capacidade de colocar nas mãos do Senhor todos os atos e injustiças lançados contra nós e a Igreja, através da crítica malévolos. Afinal, “Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações” (Sal. 46:1).

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 418.
- ² _____, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 493.
- ³ _____, *Testimonies*, vol. 4, pág. 656.
- ⁴ _____, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 491.
- ⁵ *Dear Abbey, Citizen*, 11/09/1964.
- ⁶ Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 117.
- ⁷ _____, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 492.
- ⁸ _____, *Carta 16*, 1886.

Seminário via satélite

Mesa-redonda sobre crescimento de igreja alcança todo o continente sul-americano

ZINALDO A. SANTOS

Enviado Especial

O dia 5 de setembro foi uma data significativa para a Associação Ministerial da Igreja Adventista na América do Sul. Nesse dia, foi realizado mais uma edição do Seminário de Atualização Pastoral, transmitido via satélite, desde os estúdios da TV Adsat, em Nova Friburgo, RJ. A primeira aconteceu em abril do ano 2000.

Coordenado pelos Pastores Alejandro Bullón e Jonas Arrais, secretários ministeriais da Divisão Sul-Americana, o seminário foi realizado em forma de mesa-redonda e versou sobre o tema “Crescimento de igreja”. Os participantes da mesa foram os Drs. José Miranda Rocha, da Universidade Adventista de São Paulo, Unasp, Daniel Rode, da Universidade Adventista del Plata, Argentina, Júlio Huayllara, jubilado da Universidade Adventista do Chile, Nikolaus Satelmajer, coordenador mundial do Projeto Preach, Alejandro Bullón e Jonas Arrais. Também participaram os Pastores Gilberto Ribeiro, evangelista da Missão Maranhense, que no ano passado levou ao batismo mais de 2.700 pessoas num distrito da Associação Baixo-Amazonas, José Sílvio Ferreira, secretário ministerial da União Este-Brasileira, e Jobson Santos, da TV Adsat.

A programação teve início às 9h00, desenvolvendo-se até às 12h00. Sua realização teve o patrocínio da revista

Ministério, que poderá ser adquirida pelos pastores telespectadores através de assinatura. A estratégia previa que pastores distritais, líderes de instituições e seminários providenciassem equipamento para recepção e transmissão do programa, bem como planejassem locais especiais onde os convidados seriam recebidos. O sucesso foi indiscutível. No Brasil e no exterior, em templos, auditórios de organizações seculares, hotéis, e instituições denominacionais, vários grupos estiveram reunidos.

Projeto Preach

O Seminário de Atualização pastoral é a versão moderna do Projeto Preach, na verdade, uma sigla composta pelas iniciais das palavras que formam a frase inglesa *Program for reach every active clergy home* (programa para alcançar cada clérigo ativo em seu lar). O Projeto Preach existe há mais de 20 anos, servindo como ponte entre a Igreja Adventista e pastores evangélicos. O objetivo do programa é mostrar a verdadeira face do adventismo àqueles que o consideram sectário e legalista.

Embora a intolerância para com a Igreja não vá ser totalmente erradicada, o plano tem conquistado algum terreno. Em muitos lugares, a antiga visão tem sido mudada. “A maioria dos pastores contatados tem mudado a maneira de ver a Igreja Adventista, passando a nutrir simpatia por ela”, testemunha o Dr. Satelmajer. “Hoje”, ele acrescenta, “a Igreja Adventista é vista como uma das organizações mais empenhadas no crescimento de seus pastores, e está sendo admirada por sua disposição de estender isso a outros ministros, através do seu programa de crescimento profissional.”

Reunido com um grupo de pastores evangélicos, o Pastor Luiz Gonçalves, evangelista da Associação Paulista Sul, ouviu de um deles a disposição de estudar as doutrinas adventistas com toda a sua igreja. Do Chile, os estudantes de Teologia enviaram uma mensagem que chamou a atenção. Eles firmaram o compromisso de colocar em prática, em seu futuro pastorado, os princípios que aprenderam durante a realização do seminário.

Os apresentadores deixaram claro que uma igreja deve e pode crescer espiritual e numericamente, através de uma liderança pastoral e leiga comprometida com a missão, planejamento, correto uso dos dons espirituais e o máximo de envolvimento da irmandade. Tudo isso na dependência do poder do Espírito Santo. 



Mesa-redonda analisa, via satélite, crescimento de igreja



Participantes do Seminário de Atualização Pastoral, realizado em Nova Friburgo, RJ

Inspiração para salvar

Concílio ministerial reabastece e inspira pastores da UNB para o evangelismo

PAULO PINHEIRO

Enviado Especial

A União Norte-Brasileira reuniu 276 pastores em Salinas, PA, entre os dias 12 a 19 de agosto, para nutri-los espiritualmente e ajudá-los a alcançar o alvo deste ano que é de 60 mil batismos. O programa contou com a presença de professores de teologia, diretores de instituições e líderes da Divisão Sul-Americana, que dirigiram devocionais, aulas e seminários.

Na abertura do evento, o Pastor Ruy Nagel, presidente da DSA, destacou a necessidade de os pastores colocarem “em primeiro lugar a devoção pessoal”, sem deixar de manter o foco na missão para a qual foram chamados. Seu alerta serviu de elo para outras mensagens que se ajustaram ao tema do concílio: “Pastores segundo o Meu coração”.

Em suas aulas matinais sobre justificação pela fé, o Dr. Wilson Endruweit, reitor do Seminário Adventista Latino-america-

no de Teologia, Salt, associou a doutrina da salvação com a dependência de Deus, enfatizando que “a justificação pela fé é mais experiência de vida do que teoria”.

O Dr. Alberto Timm, diretor do Centro de Pesquisas Ellen White, falou sobre o dom de profecia, declarando que ele “foi dado à Igreja para manter a unidade da fé”. Também deu aos pastores informações sobre a história da Igreja Adventista e o desenvolvimento de suas crenças fundamentais.

Outras orientações práticas foram dadas durante os seminários dirigidos pelos Pastores Nagel, Bullón, Jonas Arrais e Arnaldo Enriquez. O Pastor Marino Oliveira, tesoureiro da DSA, alertou contra o consumismo, a ostentação e o endividamento.

Batismos

A União Norte-Brasileira abrange os Estados do Maranhão, Pará, Amapá, Roraima, Acre e Rondônia e está distribuída em cinco Campos. No ano passado, essa União batizou 52 mil pessoas. Entre janeiro e julho deste ano, já foram realizados 35.857 batismos. Cada vez mais pastores batizam além de mil pessoas por ano. Em 2001, só o Pastor Gilberto Ribeiro batizou mais de 2.700 pessoas no distrito de Castanhal, PA.

A liderança da UNB não mede esforços para ver o número de conversos aumentar. Os pastores trabalham com evangelismo integrado, envolvendo duplas missionárias, pequenos grupos e evangelismo público. O Pastor Cutrim, que atualmente tem 92 pequenos grupos em funcionamento em Macapá, AP, disse que no ano passado batizou 1.100 pessoas como resultado da ação dos pequenos grupos, e mais 1.090 pessoas por meio do evangelismo público.



Pastores presentes ao Concílio da União Norte-Brasileira

Foto: Paulo Pinheiro

Em geral os pastores fazem duas campanhas públicas por ano, pregando 30 noites seguidas em cada uma delas.

Conservação

O Pastor Fábio Duarte, distrital de Marambaia, em Belém, PA, diz que faz evangelismo mês sim, mês não. “Para não deixar minhas 16 igrejas sem a assistência pastoral, faço semanas de oração entre cinco e seis horas da manhã, com as igrejas lotadas. Cada unidade da Escola Sabatina fica responsável pelo jejum de determinado dia, e os irmãos são alimentados antes de irem para o trabalho ou para a escola. Neste ano, ele já batizou 1.020 pessoas.

“O segredo para o crescimento da igreja são os pequenos grupos, onde se desenvolvem relacionamentos estreitos de amor e amizade”, destacou o Pastor Osmar Reis em seu devocional. Ele também deu ênfase à oração intercessória como meio de trazer “pessoas queridas” de volta à igreja. Disse ainda que “teríamos menos apostasia se firmássemos as pessoas na igreja com amizade e amor”.

Para incentivar os pastores a zelar por sua vocação ministerial, o Pastor Bullón pregou, sábado pela manhã, sobre Jeremias 1:1-10. “Você precisa ter certeza de que Deus o chamou para o ministério. Não permita que o diabo destrua o plano divino para sua vida”, exortou o secretário ministerial da DSA.



Pastores assistindo a uma das aulas



Presidentes de Campos da UNB sustentam a bandeira do projeto “Um milhão em ação”

Eles batizaram mais de mil em um ano

Entre janeiro e julho deste ano, o Pastor Luiz Rogério Santos, distrital de Santa Luzia do Tidi, MA, batizou 1.256 pessoas. No território da União Norte-Brasileira, 15 pastores já batizaram mais de mil pessoas por ano em seu distrito, pelo menos uma vez. Alguns já conseguiram essa façanha várias vezes, como é o caso do Pastor Raimundo Nonato Neves, também distrital no Maranhão, que por três vezes ultrapassou os mil batismos e por oito vezes batizou mais de 500 pessoas durante um ano. No ano passado, 13 pastores batizaram mais de mil, perfazendo 17.614 batismos.

Para o Pastor Izéas Cardoso, presidente da UNB, são três os segredos de tantos batismos em seu território: conscientização dos pastores e membros sobre qual é a missão da Igreja, treinamento para o trabalho e material evangelístico em abundância. Este ano, segundo ele, estão sendo utilizados na pregação 110 mil Bíblias, 350 mil jogos de lições bíblicas e um milhão de folhetos de contato.

Para se ter uma idéia do crescimento da União Norte, nos últimos cinco anos foram acrescentados 190 mil membros por meio de batismos. Estão surgindo, em média, 200 novas congregações a cada ano. "Construir igrejas é o nosso maior desafio, pois a grande maioria dos membros é pobre financeiramente", observa o presidente da UNB, acrescentando que eles "se dão por essa Obra, ofertando para as construções e fazendo mutirões aos domingos, feriados e até em algumas noites da semana." **M**



Pastores que batizaram mais de mil pessoas

HUMOR

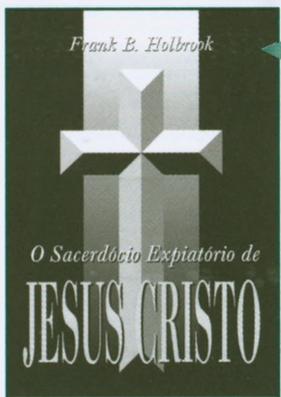
GERENCIANDO CONFLITOS

Senhor...
Tu sabes que sou
homem de poucas
palavras. Portanto, peço
uma vez por todas
e de maneira
muito clara:
ou ELE ou EU.

Amém.



Heber Pintos



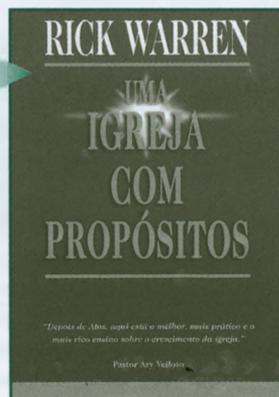
O SACERDÓCIO EXPIATÓRIO DE JESUS CRISTO – Frank Holbrook. Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34; CEP 18270-970 Tatuí, SP; Tel. 0800-990606, 272 páginas.

Analisando o testemunho de toda a Escritura, Frank Holbrook desdobra diante de nós o misericordioso ato de Deus em prover salvação por meio de Seu Filho. Ele mostra a salvação numa dimensão cósmica. O autor é altamente qualificado. Como erudito bíblico experiente, dotado das habilidades essenciais ao estudo da Palavra de Deus, ele apresenta o assunto de maneira inteligível e precisa, em linguagem clara e apropriada à mentalidade moderna. Sua mensagem central é Jesus como mediador entre você e Deus.



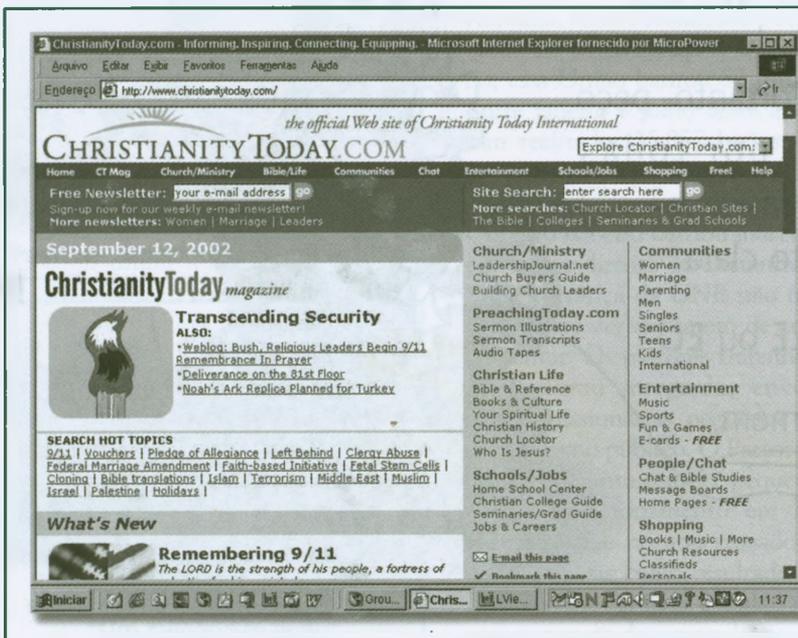
LIDERANÇA CRISTÃ – Ellen G. White, Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34; CEP 18270-970 Tatuí, SP; Tel. 0800-990606, 112 páginas.

A liderança cristã é uma ciência e uma arte. É uma ciência porque existem princípios fundamentais a serem aplicados. É uma arte porque o êxito dependerá em grande medida da capacidade do líder em aplicar tais princípios e do grau de submissão à influência do Espírito Santo. Ellen G. White foi uma das destacadas líderes religiosas de todos os tempos, e em seus escritos encontramos valiosos conselhos a todos os que exercem alguma forma de liderança.



UMA IGREJA COM PROPÓSITOS – Rick Warren, Editora Vida, Rua Júlio de Castilhos, 280; CEP 03059-000 São Paulo, SP; Telefax (11) 6096-6814, 392 páginas.

Rick Warren acredita que, para uma igreja ser saudável, deve ser impulsionada por propósitos, edificada sobre os cinco objetivos que o Novo Testamento determina para a Igreja de Jesus. Neste livro, você aprenderá o segredo de uma igreja que experimentou um rápido e saudável crescimento. A igreja de Saddleback cresceu, num espaço de 15 anos, de apenas uma família para mais de dez mil pessoas na frequência aos cultos, ao mesmo tempo que implantava 26 outras igrejas. Warren, seu fundador, compartilha uma estratégia formada de cinco partes e comprovada por sua experiência.



VEJA NA INTERNET
www.christianitytoday.com

O site da Christianity Today, uma das mais importantes revistas evangélicas, oferece um bom conteúdo variado, que vai desde artigos publicados na revista e notícias da atualidade que tenham a ver com religião até ilustrações para sermões, além de Bíblias e comentários bíblicos para pesquisa. A ferramenta de busca é poderosa e ajuda a encontrar rapidamente o que se deseja no meio de tantos textos do site. Quem quiser pode também informar seu e-mail para receber alguns newsletters semanais gratuitos. Desvantagens: o site está todo em inglês e de alguns produtos há apenas uma amostra com o preço para adquirir, caso tenha interesse. – Márcio Dias Guarda, editor de Mídia Digital da Casa Publicadora Brasileira.



Divulgação

JONAS ARRAIS

*Secretário ministerial
associado da Divisão Sul-Americana*

Tenho ouvido pessoas comentarem que a grande característica da Igreja no século 21 “não é o seu tamanho, mas a qualidade é o que conta”.

Se fizermos um estudo dos quase 16 mil grupos organizados e igrejas na Divisão Sul-Americana e dividirmos os dois milhões de membros batizados, teremos uma média de 125 membros por congregação. Nos Estados Unidos, a média é de 100 membros por igreja. Assim sendo, a despeito da grande valorização que de um modo geral se tem dado para as grandes congregações, nós somos, ainda hoje, um mundo de pequenas e médias igrejas.

Alguns pastores, que estão servindo em um grande distrito com pequenas congregações, podem ser tentados a desenvolver uma auto-imagem de inferioridade ministerial. Eles olham para um pastor de uma igreja numericamente maior e se sentem insignificantes e desvalorizados. Não é assim, meu querido pastor. Cada igreja que recebemos para pastorear, não importando o tamanho, é uma terra santa, um lugar precioso, porque Jesus deu Sua vida pelos indivíduos que ali congregam. Cada lugar é importante, e Deus espera que você também faça o seu melhor pelas pessoas que ali vivem. Um pastor é necessário ali. Se não fosse você, quem seria? Esses fatores devem lhe dar um senso de dignidade, utilidade e valorização.

Em outras palavras, não existem pequenas tarefas. Ninguém deve se sentir insignifi-

cante e desvalorizado ao pastorear uma igreja pequena ou um pequeno distrito. Há um grande trabalho a ser feito e Deus deseja usá-lo de maneira grandiosa.

Agora, o que dizer quanto à qualidade da sua igreja? As características que determinam se uma congregação, independente do seu tamanho, é saudável ou não, deveriam ser a nossa grande preocupação. Gostaria de sugerir alguns pontos para facilitar uma avaliação nesse sentido:

Uma igreja com boa base doutrinária. Os membros da sua igreja têm um claro entendimento das 27 doutrinas bíblicas? Recebem uma boa quantidade de informação que os qualifica a defender ou testemunhar de sua fé?

Uma igreja com clara visão missionária. A razão primordial da existência da Igreja está sendo cumprida com êxi-

to? Qual tem sido o enfoque dos departamentos, grupos musicais, das pregações e do uso do dinheiro da igreja?

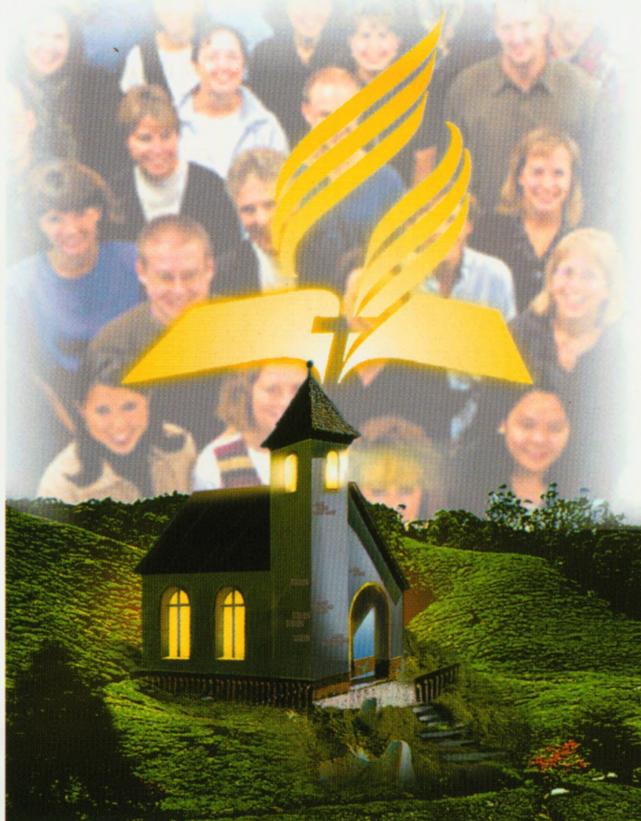
Uma igreja com estabilidade financeira. A receita financeira da igreja é compatível com o número de membros e nível social? Os membros são orientados quanto à bênção de serem mordomos fiéis a Deus?

Uma igreja com imagem positiva na comunidade. A igreja tem desenvolvido projetos sociais e trabalhos comunitários que resultam em apreciação por parte da comunidade e das autoridades? Qual é a idéia que os vizinhos têm de sua igreja?

Uma igreja com boa auto-estima. Os membros se sentem felizes por serem cristãos? Sentem-se orgulhosos da igreja que têm e do seu pastor? Normas e princípios são bem interpretados e aceitos?

Uma igreja que possui interesses comuns. Existe um ambiente fraternal e um clima de companheirismo cristão por parte dos membros entre si? As necessidades sociais, materiais e espirituais dos membros são atendidas?

Estou certo de que existem muitos outros indicadores de uma igreja saudável. Você pode acrescentar outros fatores que considerar importantes. De uma coisa estou certo: a igreja precisa muito de você, pastor. O seu nível de motivação, suas boas idéias, sua credibilidade espiritual, seu comprometimento e reconhecimento de que a oportunidade de estar onde você se encontra é única farão a diferença em seu ministério. Como Associação Ministerial estamos aqui para apoiá-lo na realização do sonho que Deus colocou no seu coração.



Hebert Pinho



12^a Casa on-line

Compre e economize sem sair de casa!

1º de dezembro

Domingo, das 8h às 21h

É só ligar:

0800-990606*

*Sua chamada pelo 0800 é gratuita.
Só recebemos ligações de telefones convencionais.

Ou acessar:

www.cpb.com.br

Você pode também, fazer seu pedido
pelo e-mail: cpbonline@cpb.com.br
ou pelo fax: **(15) 2508900**



**Casa
Publicadora
Brasileira**